

5. A construção de feminilidades nas tirinhas de Maitena

“Somos seres sociais cujas identidades estão intimamente ligadas às comunidades e culturas nas quais vivemos”.¹

Neste capítulo, verificaremos que feminilidades são construídas a partir de “leituras” da série *Mulheres Alteradas*.

Apresento não só minha leitura, como analista das tiras, mas a de “outros”, homens e mulheres brasileiros, residentes no Rio de Janeiro, que fizeram suas leituras, de duas tirinhas, em situação de gravação.

Através das cenas do cotidiano, caricaturadas nos quadrinhos da série *Mulheres Alteradas* será verificada a construção do discurso de opinião através das relações interativas entre o texto e as imagens nos quadrinhos.

Maitena concretiza o seu discurso de opinião, sobretudo, com recursos de indiretividade, através das relações de complementariedade ou de posição que se estabelecem entre textos e imagens. Esta também reconstrói em suas tiras inúmeras cenas do cotidiano que fazem parte do dia-a-dia das mulheres em questão, cf. capítulo 3, seção 3.4. As feminilidades que perpassam pelos imaginários feminino e masculino são reveladas através de estereótipos lançados em seus quadrinhos e verbalizadas pelos personagens que assumem estes papéis através do humor, do deboche e da dissimulação.

5.1 O olhar de uma mulher alterada para as tirinhas de Maitena

Apresento, a seguir, quatro diferentes momentos retratados por Maitena nos quais podemos observar como as mudanças, conflitos e confrontos das mulheres caricaturadas se dão cena a cena através das feminilidades em destaque nas tiras selecionadas.

¹ BAKHURST e SYPNOWICH. *The social self*. London: Sage, 1995:01. *Apud* SILVA (2003:11).

Primeiramente, destaco as mudanças sofridas no imaginário feminino com base nas representações de feminilidades em atribuições assumidas pelas mulheres no decorrer do século XX. Em seguida, sinalizo os conflitos dos *selves* femininos sob dois aspectos: primeiro, desejos e contradições, e, segundo, em suas representações masculinas. Para finalizar esta seção, serão também destacados os conflitos dos *selves* femininos em suas relações de confronto.

5.1.1 As mudanças nas representações de feminilidades ao longo do século XX

“As mulheres vêm-se queixando da vida. É geral o sentimento de que a sucessão de personagens que lhes cabem – mãe, esposa, filha, nora, profissional, amiga, gerente da casa ou mão-de-obra doméstica – ultrapassa a capacidade elástica do sistema nervoso feminino”, *in*: Oliveira (2003: 19)

Foi a partir dos direitos e conquistas adquiridos pelas mulheres na segunda “onda” do movimento feminista (anos sessenta/setenta do século XX) que os papéis começaram a sofrer transformações. A consolidação deste como movimento social organizado expandiu “*o lema da emancipação das mulheres e da equiparação de direitos jurídicos, políticos e econômicos, pois era necessário marcar a diferença e realçar as condições que regiam a alteridade nas relações de gênero*”, cf. capítulo 2, seção 2.1.

As representações de feminilidades no decorrer das décadas do século XX são focalizadas por Maitena através da tira: “1922 – *De como o ‘anjo’ da casa se transformou... na ‘bruxa’ da família – 1997*”, Maitena (2003: 76-77, v.03):

1922 – De como o “anjo” da casa se transformou...

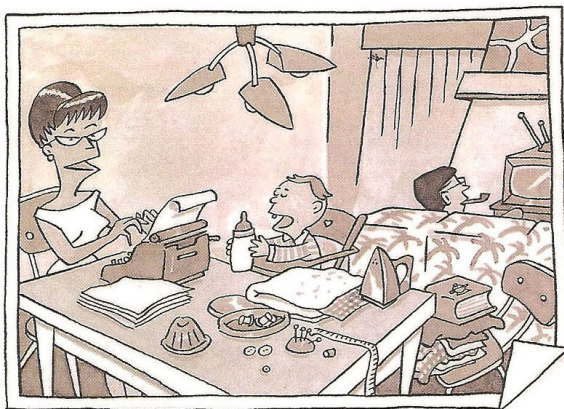
Em 1920, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão...



Em 1930, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão... e obcecadas por conseguir um bom marido...!



Em 1940, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão, obcecadas por conseguir um bom marido... e preocupadas em ser boas mães...!



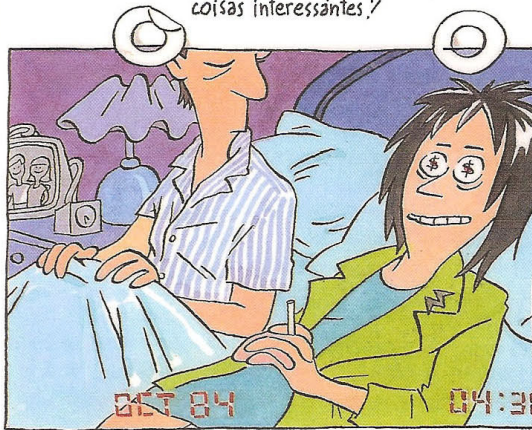
Em 1950, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão, obcecadas por conseguir um bom marido, preocupadas em ser boas mães... e inquietas por estudar alguma coisa útil...!

na “bruxa” da família – 1997



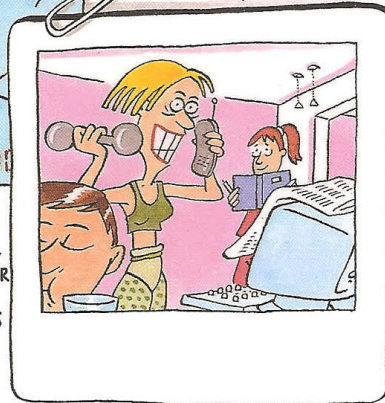
Em 1960, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão, obcecadas por conseguir um bom marido, preocupadas em ser boas mães, inquietas por estudar alguma coisa útil... e transtornadas para participar de coisas interessantes!

Em 1970, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão, obcecadas por conseguir um bom marido, preocupadas em ser boas mães, inquietas por estudar alguma coisa útil, transtornadas para participar de coisas interessantes... e culpadas por trabalharmos fora...!



Em 1990, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão, obcecadas por conseguir um bom marido, preocupadas em ser boas mães, inquietas por estudar alguma coisa útil, transtornadas para participar de coisas interessantes, culpadas por trabalharmos fora... estressadas por exigir-nos conquistas profissionais... e desesperadas para nos vermos jovens, magras e sem celulite!!

Em 1980, nós, mulheres, só estávamos ansiosas por uma paixão, obcecadas por conseguir um bom marido, preocupadas em ser boas mães, inquietas por estudar alguma coisa útil, transtornadas para participar de coisas interessantes, culpadas por trabalharmos fora... e estressadas por exigir-nos conquistas profissionais!!



Maitena '77

MAITENA 77

Nesta tira, dividida em duas páginas, Maitena apresenta as mudanças pelas quais as mulheres passaram ao longo do século XX. A tira está dividida em oito cenas do cotidiano feminino em que, em cada uma destas, a figura feminina em destaque aparece década a década sofrendo transformações. No título, a autora utiliza-se dos vocábulos “anjo” e “bruxa” como pistas para sinalizar seu discurso

de opinião sobre as alterações sofridas pela mulher, no decorrer do século XX, no contexto familiar, com seus desejos, personalidades e relação com os outros.

A tira nada mais é do que um resumo dos conflitos pelos quais as mulheres passaram (e continuam passando!). A dicotomia presente no título através dos substantivos “*anjo*” e “*bruxa*” sinalizam a atribuição dada por Maitena às representações de feminilidades que sofreram “mutação” ao longo das décadas. Cada cena está “emoldurada” em fotografias, que também evoluíram, em qualidade e tecnologia, no decorrer do século XX. Na primeira cena, por exemplo, há uma fotografia antiga – a foto está em preto e branco e encontra-se “amarelada” pelo tempo – data a década de 20, provavelmente tal foto fora feita por um *lambe-lambe*... Já na penúltima cena, vemos uma foto colorida e, possivelmente, do tipo instantânea, pois a moldura refere-se às fotos tiradas por máquinas com revelação instantânea, como a *Polaroid*, por exemplo, que tiveram sua “estréia”² no mercado consumidor na década de 80, a mesma datada na cena em questão por Maitena.

Na primeira cena – datada nos anos 20 – revela uma mulher vaidosa, o que pode ser percebido pela feminilidade revelada no quadro através das vestimentas que usa, é bem comportada, está lendo um livro no qual, na capa, há corações, símbolo este que revela a categoria literária, romance, – atributo importantíssimo que sinalizava uma garota que gostava de ler, era por tanto, “moça bem educada”, vaidosa, “pronta” a encontrar seu “príncipe” e realizar o sonho de “toda garota da década de 20”: encontrar uma grande paixão. Tal mulher recebe a nomeação “*anjo*”, pois, como o ser celestial, é “perfeita” dentro dos padrões vigentes de *ser mulher* naquela época, ou seja, “*os possíveis ‘selves’ não são como diferentes tipos de pessoas, mas diferentes tipos de ‘ser mulher’*”, cf. Coates (1997: 285).

“*Anjo*” remete-se também às outras três cenas da página 76, onde as mulheres retratadas sinalizam um posicionamento submisso e justificado no mundo através de sua relação de dependência com os “outros” (seu companheiro, muitas vezes). Maitena faz uma crítica “apimentada” ao reportar-se ao leitor, seu interlocutor, o questionamento que este deva realizar ao notar o quanto, a partir de sua própria percepção, Maitena observa o outro e como este classificaria as

² Em 1947 surge a câmera de fotos instantânea, a *Polaroid*, baseada em um processo desenvolvido pelo físico americano Edwin H. Land.

Fonte: <http://www.fotoreal.com.br/interna.asp?idCliente=29&acao=materia&id=336&nPag=1>

mudanças sofridas pelas representações de feminilidades ao longo do século XX. Para ela, as quatro primeiras cenas retratadas na página 76, sinalizam como o “outro” via a mulher nessas décadas, ou seja, projeta nos quadrinhos suas idealizações e representações de feminilidades através daquilo que “ouviu”, já que a autora nem havia nascido no período em questão.

Essa “leitura” subjetiva deu-se através dos símbolos visuais e verbais presentes nas cenas e, só foi concretizada, pois percebe-se que “*diferentes tipos de ‘self’ são possíveis porque nossa cultura oferece-nos (a nós, mulheres) um amplo leque de modos de ser*”, Coates (1997:285).

Na penúltima cena, a que retrata a década de 80, encontramos, na “foto Polaroid”, uma mulher fazendo exercícios e, ao mesmo tempo, diante do computador, trabalhando e falando no celular – símbolos que expressam as tecnologias que tiveram seu “boom” na década de 80. Esta faz tudo ao mesmo tempo – como sua máquina instantânea: saca a foto, revela e imprime – e, segundo a descrição da mesma feita por Maitena, a mulher caricaturada encontra-se “*estressada por exigir-nos conquistas profissionais*”, por ter que fazer tantas coisas e não estar satisfeita consigo mesma.

Percebe-se que, assim como esta, as outras mulheres retratadas na página 77 também estão “estressadas” pelo número de atribuições que foram aumentando década a década, sem que isso as deixassem “felizes”, ao contrário, suas angústias, preocupações e *alterações* são vistas pelos outros – personagens retratados nas micro-cenas desta página, por exemplo, a família “abandonada”, retratada através dos filhos chorando, pela mulher que trabalha fora na “foto” datada dos anos 70 – e pelo “leitor” como um sinal de desequilíbrio, daí o nome “*bruxa*” que aparece nomeando a esta ruptura num segundo momento no século XX.

Percebe-se que Maitena aponta tais mulheres como “*bruxa*”, pois estas não conseguem “dar conta” dos seus afazeres por serem obrigadas, década a década, a assumirem novas responsabilidades no cotidiano familiar. São classificadas assim, pela cartunista, pois esta observa que, a partir da década de 60, as mulheres começaram a absorver um cada vez maior número de atribuições domésticas, intelectuais, profissionais e, todavia, devem estar com sua forma física, psicológica e estética em concordância com os padrões vigentes no contexto retratado. Tudo isso remete a um acúmulo de obrigações que acabaram deixando

as mulheres – dos anos 90 às atuais – em completo desequilíbrio, daí os rótulos “*anjo*” e “*bruxa*” batizados por Maitena veiculada pelo olhar do “outro”, que concordará com essas pistas.

Relacionando a tira com a epígrafe no início da seção deste capítulo, observa-se que, ao assumir novos papéis, a mulher *ultrapassa sua capacidade elástica do sistema nervoso...* e, por isso, altera-se, ou seja, sofre por tantas mudanças e por ter de administrar um número cada vez maior de papéis que a esta são atribuídos pelo meio social que vive e pelo momento histórico que se encontra.

5.1.2 Os conflitos dos *se/ves* femininos: desejos e contradições

A cartunista Maitena, a partir do título que nomeia a série *Mulheres Alteradas*, sinaliza que as mulheres retratadas passam por perturbações que as colocam em desequilíbrio constante.

Os conflitos com que as mulheres retratadas por Maitena se deparam se revelam em reflexões que estas fazem sobre seus desejos, anseios, crenças e idealizações de mulher. Podemos verificar desejos e contradições, por exemplo, através da tirinha: “*Algumas razões por que chamam a nós, mulheres, de insatisfeitas*”, Maitena (2003: 26, v.03), a seguir:

Algumas razões por que chamam a nós, mulheres, de insatisfeitas



26 MAITENA

O título, “Algumas razões por que chamam a nós, mulheres, de insatisfeitas”, indica um discurso de opinião atribuído a outros (“chamam”), provavelmente eles. “Algumas razões” funcionam como argumentos que dão suporte ao discurso de opinião de “outros” sobre “mulheres insatisfeitas”. As

razões estão presentes nos subtítulos de cada quadro, que se complementam nas imagens e no texto dos balões.

A razão dos primeiros “*quandos*” representa a contradição entre estar sozinha: 1ª cena: “*quando está sozinha, sonha com a vida de casal*”, e casada: 2ª cena: “*quando está casada, precisa de independência*”. O desejo do aconchego do casamento: “*...dormir abraçadinhos...*” se contrapõe à necessidade de independência para cuidar de si mesma: “*Dormir com o creme no rosto! E sem me depilar!*”.

Nos terceiro e quarto quadros, o foco é a presença do sexo na vida feminina e, também, as suas contradições. A mulher, enquanto objeto sexual, manifesta-se aqui como aquela que também quer ser vista por sua inteligência: “*Eu também sou uma pessoa! E tenho um cérebro, não é?*”. Ao mesmo tempo, no ser também considerada como objeto de desejo traz insatisfações: “*Quando se tem pouco sexo, se sente um inseto*”; “*Eu também sou uma mulher, e tenho um corpo, não é?*”.

Nos quinto e sexto quadros, ter ou não ter filhos é colocado em pauta. Por um lado, é focada a incompletude da mulher: “*Quando não tem filhos, se sente incompleta*”, por outro lado: “*Quando se tem filhos, se sente sobrecarregada*”.

O título: “*Algumas razões por que chamam a nós, mulheres, de insatisfeitas*”, será complementado a cada cena através dos subtítulos em destaque como tentativas de respostas a essa afirmação inicial. Os subtítulos revelam esse descontentamento freqüente com suas vidas e com o que possuem. A tirinha apresenta os conflitos que tais mulheres passam com suas crenças e desejos. Seabra; Muszkat (1985: 54-5) afirmam que essa dicotomia entre, por exemplo, desejos e contradições, permite a suposição de que *cada um é incompleto e que só pode se completar no outro, sendo a realidade interpessoal uma consequência dessa incompletude*.

As indagações que estas fazem nas cenas retratadas na tira são representações de suas ânsias e uma constante inquietação por não alcançarem plena satisfação com sua condição feminina.

As relações das mulheres com *seu outro* são sempre conflitantes, ou seja, provocam uma reflexão que essas (mulheres caricaturadas) deveriam realizar e optam por não fazê-lo, já que, como assegura Skliar (2003: 202):

“que seja o outro o que tenha que ficar nu; que seja o outro o que se distancie de si mesmo; que seja o outro o que negue sua alteridade. Que seja o outro o que fale em nome da igualdade, do respeito, da aceitação, do reconhecimento e da tolerância; que seja o outro”.

A próxima tirinha selecionada também revela o conflito da identidade dos *selves* femininos: “*Dize-me que corpo tens e te direi que animal te sentes*”, Maitena (2003: 49, v.04):

Dize-me que corpo tens e te direi
que animal te sentes



MAITENA 49

No título, Maitena focaliza a relação da mulher com o corpo, estabelecendo uma relação dialógica com a “audiência” das mulheres: “Dize-me que corpo tens e te direi que animal te sentes”. O discurso de opinião assumido é aqui construído retoricamente na relação com as leitoras. São elas, nas caricaturas da tirinha, que se concretizam nas imagens e se manifestam nas pseudo-falas

(onomatopéias). É através dessas construções que Maitena concretiza o discurso de opinião.

As quatro mulheres caricaturadas, de acordo com sua compleição física, são comparadas à aparência de alguns animais. Na primeira cena temos uma mulher que se constrói com *todo charme*: “*pura fibra... muito músculo*”, representa uma mulher “sarada” e é rotulada de maneira debochada pela autora com o emprego do vocábulo “*potranca*”. Na segunda, temos a representação de uma mulher que, ao contrário da primeira, é caracterizada com “*peitos enormes... barriga imponente*”, daí apelidada por “*vaca*”. Nas terceira e quarta cenas, encontramos outro jogo contraditório de estereótipos. São mulheres com diferenciações no formato de seus corpos. A terceira é rotulada por “*leitoa*” já que, como este animal, possui “*quadris largos... coxas gordas*”. A quarta é apelidada, também de forma irônica, por “*frango*”, já que seus atributos: “*compleição de matrona... cintura inexistente... pernas magras*” revelam sua forma física.

Maitena, nesta tira, se apodera desses estereótipos para sinalizar que, seja qual for o biótipo da mulher, esta nunca terá uma representação ideal, na sociedade, ao contrário, são sempre “vistas” – de acordo com as opiniões da autora – como objetos de desejo ou de repulsa no meio social em que vivem.

Seabra; Muszkat (1985:55) reitera essa observação a respeito da relação entre as mulheres e as feminilidades que estas representam socialmente:

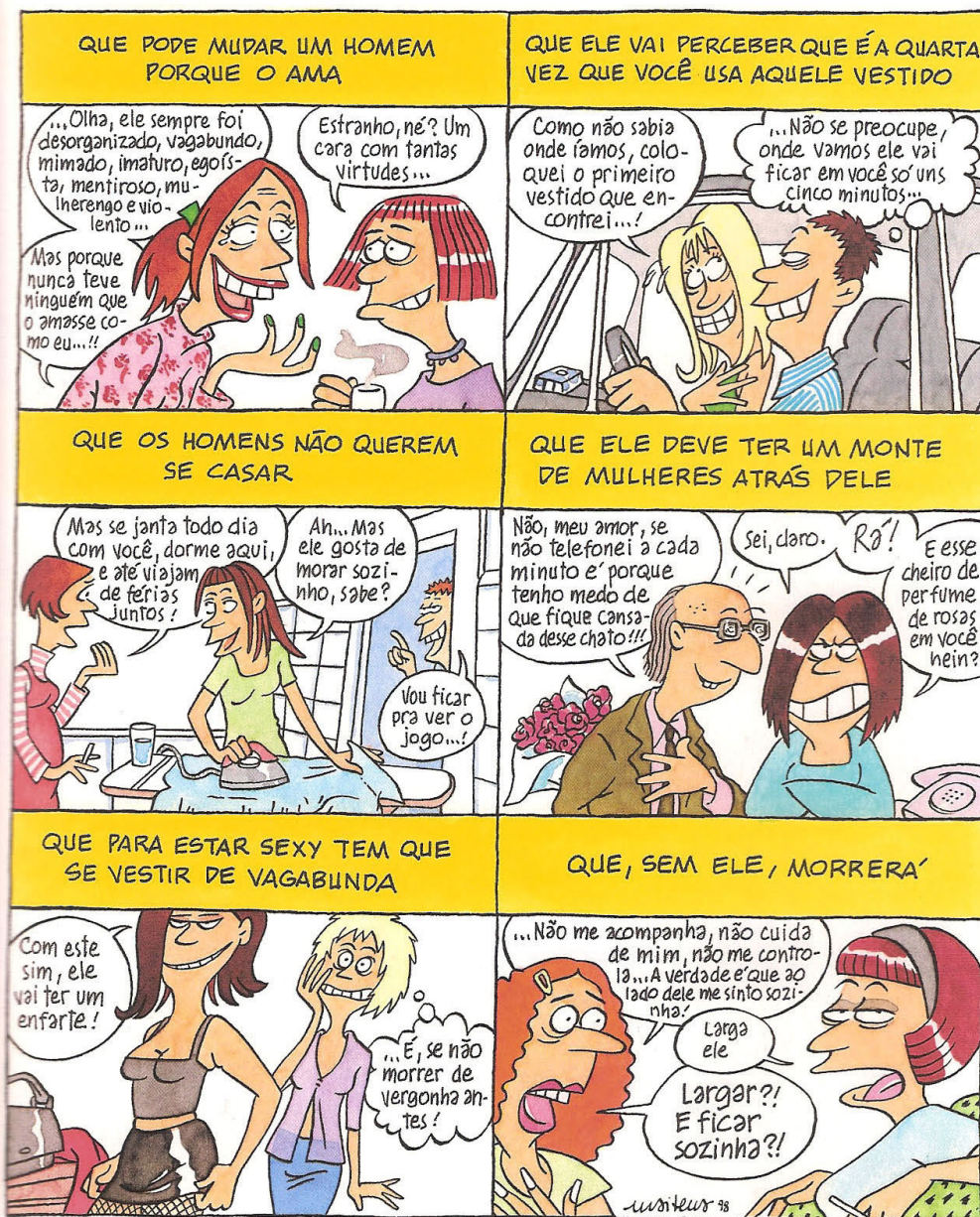
“a importância enorme que tem a opinião de uma mulher sobre a aparência da outra deve ter origem nessa fase em que uma era cuidada pela outra. A vida inteira o julgamento é esperado, a reprovação é temida e a evidencia de estar sendo aprovada causa sempre alegria, por vezes disfarçada, mas real”.

5.1.3 Os conflitos dos *selves* femininos em suas representações masculinas

O conflito dos *selves* femininos manifesta-se não apenas em relação às crenças subjetivas e desejos (voltados para o *self* das mulheres), mas também nas representações das suas relações conflitantes com diferentes identidades masculinas.

A próxima tira sinaliza alguns conflitos a partir da interação da mulher com o outro: “*Algumas crenças ridículas que algumas ridículas insistem em sustentar*”, Maitena (2003: 37, v.04):

Algumas crenças ridículas que algumas ridículas insistem em sustentar



Na tirinha, Maitena já explicita seu discurso de opinião no título: “Algumas crenças ridículas que algumas ridículas insistem em sustentar” através do termo “ridículas”. Este aqui se aplica em relação às representações de feminilidades, cf. Coates (1997), que possuem tais crenças. O discurso de opinião,

nesta tira, se apresenta como uma crítica às representações de feminilidades que projetam elevados graus de dependência em seus parceiros.

As crenças criticadas por Maitena se apresentam quadro a quadro através dos subtítulos em destaque: “*que pode mudar um homem porque o ama*”; “*que ele vai perceber que é a quarta vez que você usa aquele vestido*”; “*que os homens não querem casar*”; “*que ele deve ter um monte de mulheres atrás dele*”; “*que para estar sexy tem que se vestir de vagabunda*”; e “*que, sem ele, morrerá*”, os quais dialogam ironicamente com as conversas das mulheres em destaque com o outro, que ora é uma mulher ora um homem.

Skliar (2003: 22) assegura que “*as imagens do outro acabam transformando-nos em reféns do outro...*”, ou seja, nossos atos, falas, leituras, etc. fazem com que dependamos da imagem alheia para “enxergarmos” a nós mesmos, as nossas identidades... Assim também acontece nas imagens caricaturadas de Maitena onde a partir do olhar do outro é que a mulher – a personagem –, seja qual for a feminilidade assumida, sofrerá com os conflitos.

Em quatro cenas, Maitena desenvolve a crença em cenas de diálogos entre mulheres, isto pode ser observado, por exemplo, no primeiro quadro através do subtítulo em destaque: “*que pode mudar um homem porque o ama*”.

Nesta cena, há duas mulheres conversando sobre o “homem amado”. Uma delas detalha as “qualidades” de seu eleito: “*Olha, ele sempre foi um desorganizado, vagabundo, mimado, imaturo, egoísta, mentiroso, mulherengo e violento...*” e revela, através de sua expressão facial, uma alegria piedosa ao concluir que, apesar de todos os atributos negativos do “seu homem”, ela foi a única que o amou. Daí subentende-se sua alegria, pois crê que conseguirá mudá-lo, o que pode ser constatado na sua última fala: “*Mas porque nunca teve ninguém que o amasse como eu...!!!*”. Já a outra mulher denota perplexidade à escolha de sua interlocutora através do comentário irônico: “*Estranho, né? Um cara com tantas virtudes...*” e de sua expressão facial. Aqui texto e imagem são elementos fundamentais para entendermos a crítica “amarga” da cartunista.

Já na segunda cena, é o homem que interage com a mulher – o que também acontece no quarto quadro – e depreende-se, através da leitura do mesmo, que a mulher gostaria que seu parceiro reparasse no vestido que está usando: “*Como não sabia onde íamos, coloquei o primeiro vestido que encontrei...!*” e que este foi o mesmo usado por ela numa determinada ocasião, marcada em seu

imaginário como ímpar para “ambos”. O conflito do *self* dá-se pela autora conceber que os homens deveriam se lembrar de todo o “cenário” retratado num determinado momento, tido por ela, como “especial” e isso não acontece causando-lhe frustração.

Tal crença, como as outras cinco caricaturadas nos diálogos retratados, é enxergada por Maitena como tola, ridícula, desnecessária e rotula as mulheres que agem assim como *ridículas*, pois deveriam observar seu “planeta” a partir de parâmetros mais condizentes com uma realidade em consonância a uma imagem que possui mas não consegue colocá-la em execução.

Na tirinha em questão, Maitena constrói seu discurso de opinião de forma a criticar relações de dependência das mulheres com as masculinidades que, “na realidade” – reveladas cena a cena –, estão em desarmonia com as expectativas femininas.

Outro exemplo de conflitos na interação com o outro e sua “dependência” com as masculinidades dá-se também na tira: “*Algumas diferenças entre os príncipes encantados e os homens*”, Maitena (2003: 07, v.02):

Algumas diferenças entre os príncipes encantados e os homens



MAITENA 7

No título; “Algumas diferenças entre os príncipes encantados e os homens”, Maitena estabelece um contraponto entre “príncipes encantados” e “homens” que logo provoca estranhamento na construção do significado dos leitores. Porque essa diferenciação?

Maitena nos dá uma pista (Gumperz, 1982) para o que vem a seguir, nas cenas da tirinha. A cada subtítulo e representação de cena, a autora estabelece diferenciação entre “*príncipes encantados*” e “*homens*”. Ao longo das cenas percebemos um jogo de oposições entre essas representações. As caracterizações de “*homens*” expressas ao longo das cinco primeiras cenas se opõem às idealizações: “*príncipes encantados*”, isto é, entre fantasia e realidade.

Observa-se, no quadro seguinte, o jogo de oposições presentes nesta tira:

“ <i>Príncipes encantados</i> ”	“ <i>Homens</i> ”	Cenas:
<i>Resgatam-na de sua existência monótona;</i>	<i>Só podem compartilhar sua vida monótona;</i>	Primeira
<i>Resolvem todos os seus problemas;</i>	<i>Tem de resolver seus próprios problemas.</i>	Segunda
<i>Não precisam de ajuda;</i>	<i>Precisam muito de ajuda;</i>	Terceira
<i>São bonitos e milionários;</i>	<i>Engordam e trabalham;</i>	Quarta
<i>Te tratam como uma rainha;</i>	<i>Te tratam como uma mulher (objeto sexual);</i>	Quinta

O “*príncipe encantado*” é uma figura presente nas representações no imaginário feminino, sempre alerta aos desejos das mulheres, com soluções “mágicas” a seus problemas. Já os “*homens*” são caricaturados como os diferentes companheiros de cada mulher retratada com seus problemas reais.

A tirinha está dividida em seis cenas. Nas cinco primeiras, as mulheres se mostram insatisfeitas com seus problemas, de ordem psicológica, financeira e emocional, e aguardam uma saída destes impulsionada ou sugerida por seu *outro*, aqui representado na imagem do companheiro. Observa-se, nestas, a dicotomia das soluções propostas pelo *príncipe encantado* e as insensibilidades a elas e ao que sentem, além da indiferença, pelo seu companheiro.

Na última cena é que Maitena apresenta sua crítica “ferina” à tirinha, seu discurso de opinião – Schiffrin (1990): “*Os príncipes encantados não existem. Os homens, sim*”. As leitoras são, então, convidadas a fazer suas inferências e

reflexões: não será o homem imaginário – “*o príncipe encantado*” –, portanto, quem trará *soluções mágicas* às inquietações femininas, (até porque este não existe!) mas os “*homens*”, ainda que não tragam soluções, são legítimos, ou seja, existem e suas presenças na vida dessas mulheres são reais. A expressão “*os príncipes encantados não existem*” revela uma satisfação através do desenho que retrata a mulher nessa 6ª cena já que esta chega a conclusão de que “*os príncipes encantados não existem*”, mas “*os homens, sim*”, ou seja, não ficará esta sozinha com suas abstrações (crenças) mas com algo concreto, ainda que distante do seu desejo manifestado ao longo das cinco cenas anteriores caricaturado por diferentes representações femininas.

Percebe-se aqui uma caricatura expressa de acordo com o discurso de opinião de Maitena e de suas leitoras: o imaginário feminino, revelado através dos sonhos das mulheres com o “*príncipe encantado*”. Provavelmente isso se manifesta pelo fruto de socialização da mulher, de suas leituras de idealização masculina, em romances de ficção.

Um dos focos presentes na Literatura Mulherzinha é a desmistificação deste estereótipo: “*príncipe encantado*”, que se desconstrói a partir do momento que suas protagonistas “saem à luta” e vão atrás de suas conquistas pessoais. Com isso em primeiro plano, fica claro que a busca pelo “*príncipe encantado*” fica pormenorizada ao desejo dessas mulheres.

A próxima tira também sinaliza outro exemplo de conflitos na interação com o outro: “*Seis coisas estúpidas que nos aborrecem nos homens*”, Maitena (2003: 15, v.03):

Seis coisas estúpidas que nos aborrecem nos homens



MAITENA 15

Nesta tira, Maitena articula um discurso de opinião no qual se inclui, ao sinalizar como “estúpidas” as seis coisas que “nos aborrecem nos homens”. A exploração de sua opinião desenvolve-se de forma semelhante às tirinhas anteriores.

Os subtítulos com o fundo em amarelo – em destaque como na maioria das tiras – representam um recurso gráfico frequentemente utilizado por Maitena, como uma tentativa de dialogarem com o título principal.

Os subtítulos, em cada cena, apresentam as circunstâncias que exemplificam “as seis coisas”: “quando consultam o relógio no cinema”; “quando mudam de canal o tempo todo”; “quando não baixam a tampa da privada”; “quando esperam por você no elevador com a porta aberta”; “quando não podem te atender porque ‘estão em uma reunião’”; e “quando molham a calcinha que você pendurou na torneira a cada vez que tomam banho”.

A autora sinaliza que práticas rotineiras que os homens executam como, por exemplo, “não baixar a tampa da privada” – 3ª cena -, ou “não atender ao telefone quando ligam para seu trabalho” – 5ª cena – são interpretadas por elas como um ritual do dia-a-dia que as desagrada já que gostariam que estes agissem como elas agiriam se fossem “eles”.

Em cada cena as interações concretizam o que é anunciado no subtítulo. Maitena apresenta, assim, seis representações de feminilidades diferentes nas quais, a partir de sua interação com o outro, nesse caso, homens, retratados ora como seu companheiro ora como seu filho, causam nelas profundo aborrecimento por atitudes e/ou comportamentos que ocasionam reclamações e/ou críticas das mesmas.

Aqui, nestes subtítulos, são as ações que os homens cometem que desapontam às expectativas dessas mulheres. Somente elas utilizam-se das inferências verbais para caracterizarem sua reprovação.

Em nossas inferências, podemos perceber que, nessas cenas, há conflitos das mulheres em seus relacionamentos com os homens e que estes demonstram, em expressões não verbais, não entender porque surgem conflitos. O que estaria Maitena sinalizando? Teríamos aqui a *teoria das duas culturas (da diferença)* com mulheres e homens em mundos opostos? Tais representações trazem interpretações que parecem se constituir como mal-entendidos, daí a falta de entendimento entre os sexos, pois pertencem a subculturas distintas, cf. Cameron (1999) e Tannen (1994, 1996).

5.1.4 Os conflitos dos *selves* femininos: relações de confronto

Na próxima tira, “*Os homens são cavalheiros ou as mulheres são inválidas? – um exercício de feminismo selvagem para rebeldes sem causa*”, Maitena (2003: 19, v.03) observaremos como, a partir do conflito do *self* feminino, aparecerão relações de confronto com suas representações e com o outro. O foco dirige-se às representações de feminilidades que rejeitam as relações de dependência com os homens.

Os homens são cavalheiros ou as mulheres são inválidas?

– UM EXERCÍCIO DE FEMINISMO SELVAGEM PARA REBELDES SEM CAUSA –



MAITENA 19

O título lança uma pergunta: “os homens são cavalheiros ou as mulheres são inválidas?” e, a cada subtítulo, encontramos uma tentativa de resposta a essa indagação inicial. O discurso de opinião na oposição: “homens são cavalheiros” e “mulheres são inválidas”, surge em forma de indagação. Esta traz em si a

informação implícita não apenas de uma opinião, mas também de confrontação que cria uma nova significação, no opor “*homens são cavalheiros*” com “*mulheres são inválidas*”. A complementação e/ou especificação do título: “*um exercício de feminismo selvagem para rebeldes sem causa*”, coloca em foco um dado discurso feminista, destinado a “*rebeldes sem causa*”. Temos, logo no início, pistas de contextualização e inferências (Gumperz, 1982) que vão guiar a construção do significado.

É interessante observar como a primeira parte do tópico focalizado: “*os homens são cavalheiros*” é desenvolvida, como suporte, nos subtítulos de cada cena da tirinha, denotando ações masculinas: “*abrem a porta do carro para você*”; “*acedem o seu cigarro*”; “*puxam a cadeira para você*”; “*te orientam ao andar pela calçada*”; “*colocam teu casaco*”; e “*apertam o botão do elevador para você*”.

Maitena apresenta as seis cenas de forma que todas as tentativas de cavalheirismo praticada pelos homens caricaturados são interpretadas pelas mulheres de maneira agressiva a sua capacidade independente de ação-reação, daí o conflito. As representações masculinas nestas cenas caracterizam homens que se enquadram às normas de polidez – Brown e Levinson (1987) – já que o equilíbrio ritual e o planejamento discursivo permitem que estas se comportem de forma positiva diante das feminilidades exemplificadas nestas cenas. Tais feminilidades enquadram essas representações como atitudes negativas, de maneira que estas sejam interpretadas como tentativas frustradas de desequilibrar rituais sociais.

Todas essas ações masculinas incluem-se no campo da polidez, podendo, à primeira vista, significar gentilezas, deferências masculinas na relação com as mulheres. Polidez e poder estão sempre relacionados, cf. Brown & Levinson (1987); Lakoff (1973).

No entanto, as falas/ações femininas, em cada uma das cenas, se opõem aos significados acionados pelos subtítulos, trazendo a construção do discurso feminista das “*rebeldes sem causa*”.

Na tirinha, as mulheres aparecem em destaque em cada cena onde, praticamente, só elas falam, ao contrário dos homens que não se utilizam de elementos verbais, mas de sinais paralingüísticos para demonstrarem seu constrangimento na tentativa de serem “*cavalheiros*”, por exemplo, expressam através da face sua perplexidade, como na última cena, onde o homem arregala os olhos demonstrando espanto ao escutar da mulher uma resposta agressiva à

pergunta que este fizera na tentativa de ser cavalheiro com ela: “*Vai para que andar?*”, e esta responde-o rispidamente: “*E isso é da sua conta?*”, insinuando, através de seu olhar, indiferença ao homem e às atitudes advindas deste.

Em cada subtítulo aparecem, através das implicações verbais (cf. seção 3.3.1), as ações que os homens desempenham e são categoricamente rejeitados por essas mulheres. No título, Maitena apresenta uma interrogação seguida a uma afirmação “*um exercício de feminismo selvagem para rebeldes sem causa*”. As mulheres retratadas assumem esse “treinamento” (“*o exercício do feminismo selvagem*”), ou seja, atuam deixando claro sua independência.

Através de uma leitura vertical das cenas, podemos dividir as mulheres retratadas em dois grupos: 1ª coluna – mulheres insinuando um olhar mais sutil, modulando as falas; 2ª coluna – mulheres expressando um olhar intelectualizado, não modulando muito suas falas, sendo mais autônomas e assertivas em suas reações.

O discurso de opinião de Maitena, ao colocar em cena homens com expressões faciais de desconcerto e mulheres com falas e expressões de agressividade, traz implícita uma crítica ao “*feminismo selvagem*”? Percebe-se que a autora apresenta uma rejeição categórica ao estereótipo sexo frágil, já que essas mulheres confrontam a todo momento as atitudes polidas dos homens. Fica claro que Maitena sinaliza através de seu discurso de opinião: “*um exercício de feminismo selvagem para rebeldes sem causa*”, que as diferenças entre homens e mulheres devem demarcar igualdade de comportamentos, atos e falas entre os sexos e não uma militância pela igualdade a partir da *luta* entre os mesmos.

5.2 O olhar de uma mulher alterada para diferentes leituras de Maitena

Nas tiras de Maitena, a construção das múltiplas feminilidades acontece em diversos contextos. Selecionei duas tirinhas em que o processo de construção de feminilidades acontece no contexto familiar, para comparar a minha perspectiva de leitura com a de outros leitores. São oito mulheres e oito homens, residentes na região do Grande Rio, com os quais comigo compartilham as leituras das tirinhas de Maitena.

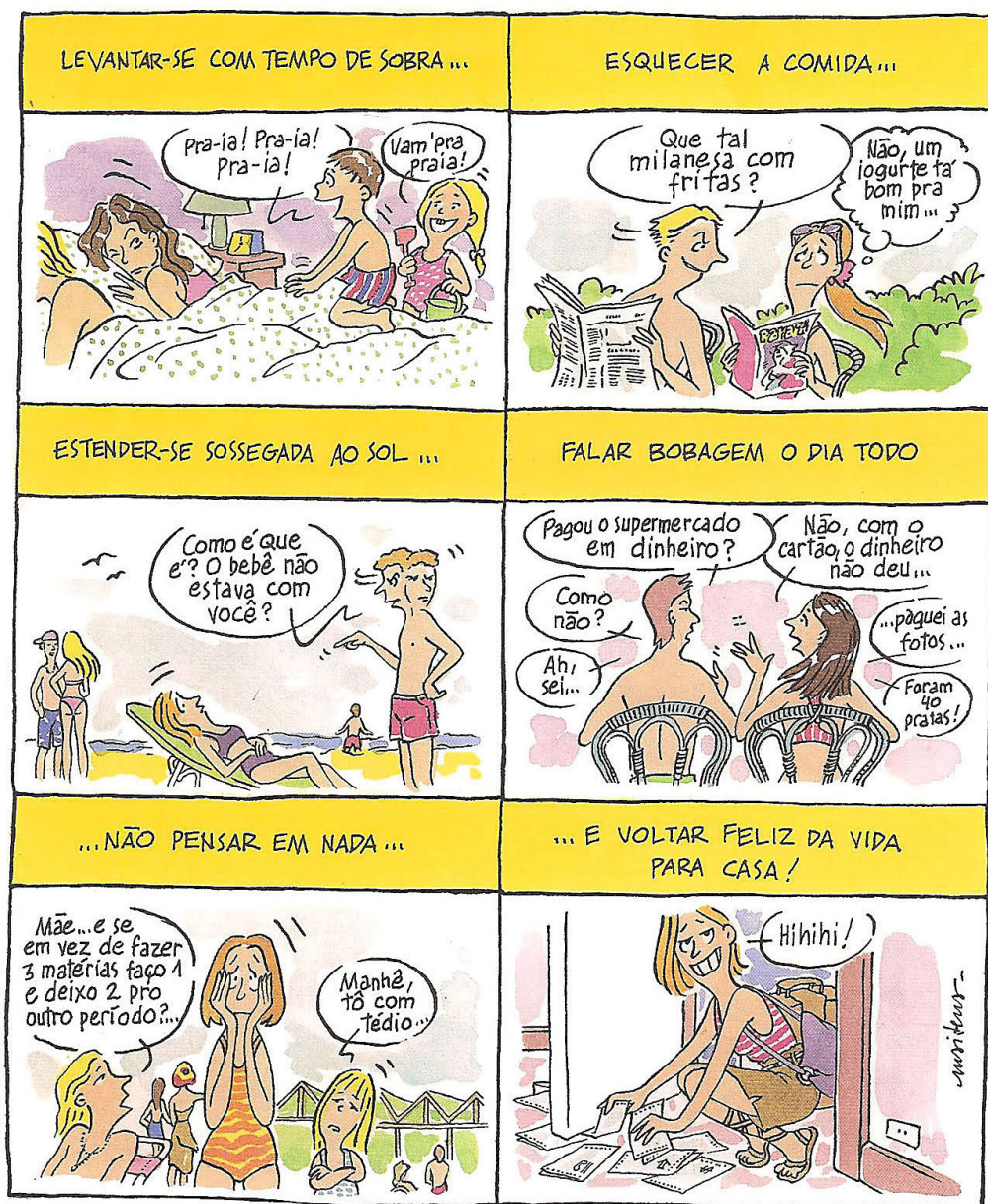
Em um primeiro momento, faço a minha leitura – *o olhar da mulher alterada* –, na qual procuro mostrar a construção do discurso de opinião de Maitena, com base nas relações interativas entre o(s) texto(s) e as imagens.

Em um segundo momento, procuro mostrar a leitura dos homens e mulheres, sujeitos dessa pesquisa, e verificar se, ao expressam seus discursos de opinião, fazem leituras com apoio na textualidade das tirinhas de Maitena ou se apontam para outras leituras, indicadoras de outras feminilidades a partir de seus esquemas de conhecimento sobre a realidade social que vivenciam.

5.2.1 Construção de feminilidades na tirinha “O melhor das férias é descansar”

Primeiramente, faço uma descrição das cenas do cotidiano feminino apontadas por Maitena na tirinha: “*O melhor das férias é descansar*” (Maitena, 2003:11, v. 1):

O melhor das férias é descansar



MAITENA 11

Nos seis quadros da tira, são retratadas diferentes cenas do cotidiano, no contexto familiar. Todos abordam o tema “férias”, mas em situações diferentes.

- **1º quadro:** “Levantar-se com tempo de sobra...”.

Nesse quadrinho, há um casal dormindo e duas crianças sobre os pais. Elas pedem a eles que os levem à praia. O homem e a mulher estão deitados e somente a mulher, a qual encontra-se em destaque no desenho, abre um dos olhos, demonstrando insatisfação, para atender à solicitação feita pelas crianças. A inferência que se tem, a partir da cena, é da impossibilidade de “*Levantar-se com tempo de sobra*”.

▪ **2º quadro:** “*Esquecer a comida...*”.

Nesse quadro, há um casal conversando sobre o que comer. O homem, com postura e olhar indicadores de atitude “impositiva”, sugere à mulher uma “*milanesa com fritas*”. Ela, porém, com um olhar e expressão facial indicando “reflexão” e “incômodo”, pensa na possibilidade de algo mais simples: “*não, um iogurte ta bom pra mim...*”. A inferência é de que ela não está livre das obrigações da cozinha, no momento das férias.

▪ **3º quadro:** “*Estender-se sossegada ao sol...*”.

Nesse quadro, há uma mulher deitada na praia tomando sol e um homem que faz reclamações em relação a tomar conta do bebê: “*Como é que é? O bebê não estava com você?*”. A reclamação é intensificada através do olhar, do movimento da cabeça e de gestos corporais, indicadores de insatisfação com a mulher. A inferência é de que ela não deveria estar tomando sol sossegada, mas atenta ao filho, pelo qual deveria ser responsável. Temos, na cena, novamente a desconstrução de férias como descanso.

▪ **4º quadro:** “*Falar bobagem o dia todo...*”.

No quarto quadro, a interação entre o casal contesta o “*Falar bobagem o dia todo*”. O homem faz pergunta e comentários que implicam controle sobre o dinheiro gasto nas compras de sua rotina no dia a dia (“*Pagou o supermercado em dinheiro? (...) Como não? (...) Ah, sei...*”). As respostas da mulher apresentam justificativas em relação às perguntas (“*Não, com o cartão, o dinheiro não deu...(...) ...paguei as fotos...(....) Foram 40 pratas!*”). A inferência indica a impossibilidade de usar o tempo de férias para interagir sobre questões sem importância.

- **5º quadro:** “...*Não pensar em nada...*”.

Observa-se, nesse quadro, cenas da mãe com suas filhas na praia, em que as mesmas interagem com ela sobre assuntos da rotina diária. Uma das filhas pede sugestões sobre o número de disciplinas que está interessada em fazer no próximo período. A outra filha diz “*Manhê, tô com tédio...*”. A mãe mostra-se entediada, em sua expressão facial e corporal. Como sugere o subtítulo, ela gostaria de “não pensar em nada” nas férias, pois “*o melhor das férias é descansar*”.

- **6º quadro:** “...*E voltar feliz da vida para casa!*”.

Neste quadro, observa-se a mulher com um olhar e sorriso irônicos e “raivosos” ao encontrar, na volta das férias, inúmeros envelopes indicadores de obrigações a resolver, um convite nada amistoso de “volta à realidade”.

5.2.1.1 O olhar da *mulher alterada*

Maitena aponta, no título da tirinha “*O melhor das férias é descansar*”, a pista para a construção de sua opinião sobre a impossibilidade do descanso das mulheres, representadas pelas donas-de-casa, nas férias. Cada subtítulo complementa a afirmação do título (“*Levantar-se com tempo de sobra...; Esquecer a comida...; Estender-se sossegada ao sol...*”), e as interações que compõem cada quadro fazem o contraponto da desconstrução do significado do título “*O melhor das férias é descansar*”.

Observa-se que as situações e falas dos quadros desconstruem a possibilidade das férias, com os dois códigos, atuando em constante interação: o visual e o verbal, Barbosa (2004: 31). Somente pelos desenhos – sinais não-verbais – é que verificamos a ironia que Maitena apresenta nessa tirinha, em que ‘estar de férias’ não é nada agradável às feminilidades apontadas (donas-de-casa), já que, neste papel ‘assumido’, não é permitido sair de férias nunca! A autora articula os desejos dessas representações com as impossibilidades de realização dos mesmos.

Percebemos, nessa tira, que a insatisfação se dá pelo fato das mulheres retratadas sentirem-se enfadadas por quererem usufruir do lazer das férias e não

poderem, já que a representação da feminilidade ‘assumida’ – donas-de-casa – não permite. A autora denuncia que, nas férias, tais mulheres gostariam também de “sair de férias”, mas são impedidas por assumirem o papel de “cuidadoras” de todos. Tal desagrado é percebido pelos aspectos verbais e não-verbais presentes nesta tira.





Na tirinha, nas seis cenas retratadas, a linguagem da mulher parece ser deficitária em relação à do homem, já que as formas lingüísticas e paralingüísticas que encontramos nestas apontam para o discurso feminino mitigado ou enfraquecido em sua relação com os companheiros retratados, cf. Lakoff (1975); Tannen e Kendall (2001: 549). A representação das identidades masculinas é do homem assertivo, autoritário, provedor e controlador.

5.2.1.2 Feminilidades construídas pelas mulheres em suas leituras

Observaremos, na presente seção, como as mulheres eleitas para essa leitura de tirinhas de Maitena emitem suas opiniões, em situação de entrevista utilizando (eu) da modalidade do protocolo verbal em grupo – o de mulheres.

Assumimos os pressupostos da *teoria da leitura como prática social*, que tem sua preocupação com o que o leitor traz em seu discurso quando lê um texto (cf. capítulo 3, seção 3.1). A partir daí, pretendo discutir em quais circunstâncias, dessas leituras femininas sobre a tira: *O melhor das férias é descansar*, Maitena (2003: 11, v.01) verificar-se-á a construção de posições por parte das leitoras.

Foram oito as mulheres entrevistadas, em diferentes faixas etárias (por volta de 30 anos até 50) todas envolvidas com atividades de ensino e/ou acadêmicas, algumas solteiras, outras casadas ou divorciadas. Apresento, a seguir, alguns dados das mulheres:

-  *Gabriele* (25 anos, casada, enfermeira);
-  *Cristina* (27 anos, casada, professora primária);
-  *Samantha* (27 anos, solteira, estudante universitária);
-  *Viviane* (31 anos, divorciada, professora de inglês).

- 📖 *Cláudia* (39 anos, solteira, professora de história);
- 📖 *Kátia* (39 anos, casada, diretora de escola);
- 📖 *Vera* (48 anos, separada, professora de ciências);
- 📖 *Bárbara* (50 anos, casada, professora de artes);

As subseções serão nomeadas de acordo com o tipo de leitura que as mulheres fizeram: (i) *leitura parafrástica*; (ii) *leitura com identificação e envolvimento*; (iii) *leitura interpretativa*.

(i) **Leitura parafrástica**

Algumas entrevistadas fazem um relato partindo de uma leitura descritiva da tira, parafraseando os problemas sinalizados pela autora através da circunscrição do que acontece cena a cena. Esse tipo de leitura pode ser verificado, por exemplo, em *Gabriele*, *Cláudia* e *Samantha*:

Segmento 1 - *Gabriele*

5 a página 11 ela:
 6 mostra a figura de várias mulheres né↓
 7 em diferentes estilos, em diferentes
 8 momentos de lazer.
 9 e isso torna-se bem cla:ro porque,
 10 mesmo com toda e:ssa preocupação né↑
 11 de ca:sa de vida profissional: de família
 12 a mulher,o que mostra aqui através dessas figuras que ela não consegue nem descansar
 13 nos seus momentos de lazer.
 14 ela pára.hh e fica pensando sobre várias atividades sobre contas pra pagar sobre o
 15 supermercado pra fazer cuidar da família cuidar dos filhos

Gabriele faz uma leitura com foco, primeiro, nos tipos de mulheres retratados nas cenas: “A página 11 ela: mostra a figura de várias mulheres né↓ em diferentes estilos, em diferentes momentos de lazer.” (linhas 5 a 8), e passa, a seguir, ao foco da opinião articulada por Maitena, com a qual manifesta relação de concordância: “a mulher, o que mostra aqui através dessas figuras que ela não consegue nem descansar nos seus momentos de lazer” (linhas 12 e 13), através de elementos de qualificação “e isso torna-se bem claro” (linha 9), “.. ela não consegue nem descansar” (linhas.12 e 13).

Segmento 2 - *Cristina*

6 já pelo título↑
 7 eh:
 8 já dá pra ver que há uma incoerência porque “o melhor das férias é descansar”.
 9 aí olhando a tirinha
 10 da página 11,
 11 eu tô vendo que
 12 realmente eh,
 13 olhando pelo lado da mulher↑ né↓
 14 ela não descansou em nenhum momento↓ né↑
 15 eh
 16 “levantar-se com tempo de sobra”
 17 “esquecer a comida” nada disso↑
 18 as coi- os afazeres do dia a dia que ela tem normalmente,
 19 ela teve também nas férias.
 20 as obrigações as preocupações,
 21 >quer dizer< ela não deixou nada de lado.
 22 eh:
 23 ela continua sendo mãe sendo esposa sendo mulher e cuidando de tudo. das contas e
 24 ainda tendo que fazer o possível e o impossível né↑
 25 cuidar dos problemas dos filhos e
 26 dos problemas do marido.

Cristina faz uma leitura descritiva da tira. Inicia seu relato retomando o título da mesma (“já pelo título↑ eh: já dá pra ver que há uma incoerência porque “o melhor das férias é descansar”. aí olhando a tirinha da página 11, eu tô vendo que realmente eh, olhando pelo lado da mulher↑ né↓ ela não descansou em nenhum momento↓ né↑” – linhas 6 a 14). Faz a leitura conjunta das tirinhas. Usa a expressão: “eu tô vendo” – linha 11, várias vezes. Aponta ainda as múltiplas tarefas realizadas pelas mulheres: linhas 13 a 26.

Segmento 3 - *Samantha*

3 eu entendi que a mulher ela tá a fim do descanso e
 4 tem as crianças a fim de
 5 atrapalhar:
 6 o marido a fim de
 7 questionar:
 8 eh:
 9 ela não
 10 tem o descanso merecido, porque todos sempre estão a fim de
 11 ir contra o que ela tá a fim de fazer.
 12 e isso.

Samantha resume brevemente a tirinha a partir de uma leitura também descritiva, relatando, entre as linhas 3 a 12, sua decodificação desta.

Através destes relatos percebo que as três fizeram uma leitura descritiva, ou seja, parafraseando os elementos presentes na tirinha. Não fizeram suas inferências pessoais ao texto.

(ii) Leitura com identificação e envolvimento

Um fato que causou curiosidade foi o de encontrar um alto grau de identificação e envolvimento das entrevistadas em seus depoimentos. Elas percebem que a crítica apresentada através do humor, utilizando-se do deboche por Maitena, dirige-se a sua categoria de gênero, *às mulheres*. Observamos identificação e envolvimento, sobretudo, com *Vera* e *Kátia*.

Segmento4 – Vera

2 vou falar sobre a tira da página 11,
 3 “o melhor das férias é descansar”.
 4 eh hoje
 5 no nosso dia a dia né, as mulheres assumem muitas tarefas e
 6 quando a gente sai pras férias né↑ -- digo nós porque isso já aconteceu muito comigo.hh
 7 a gente continua↑
 8 as pessoas que
 9 que estão assim em volta da gente continuam eh
 10 de férias estão de férias e a gente continua trabalhando pra que eles se divirtam

Vera expressa sua concordância com o excesso de tarefas da mulher: “*no nosso dia a dia né, as mulheres assumem muitas tarefas*” (linha 5) e se inclui: “*...já aconteceu muito comigo.hh*” (linhas 6 e 7) além de se utilizar das vozes “*nosso dia a dia*”, “*a gente*”, “*as pessoas*” (linhas 5 a 11), como recurso para sinalizar a que grupo Maitena se dirige em sua tira, ou seja, *às mulheres*.

Segmento 5 - Cláudia

2 eu vou falar sobre a tirinha da página 11.
 3 bom o melhor das férias é realmente é descansar. só que a gente faz tudo,
 4 e mais um pouco. menos descansar.
 5 nas minhas férias eu faço
 6 coisas
 7 eh
 8 mais coisas do que se eu estivesse trabalhando.
 9 né↓
 10 descansar é o mínimo que eu faço.
 11 faço bastante coisa....

Cláudia também manifesta sua concordância às mulheres retratadas por Maitena. O foco de seu depoimento está no *eu*, “*nas minhas férias eu faço coisas eh mais coisas do que se eu estivesse trabalhando.*” (linhas 5 a 8).

Os segmentos revelam que as leitoras fazem leituras descritivas e interpretativas da tirinha. Com isso, apresentam altos índices de identificação e envolvimento com o que Maitena revela através do deboche.

(iii) Leitura interpretativa

Leituras interpretativas das tirinhas que vão além das cenas de Maitena são construídas por grande parte das mulheres entrevistadas. Tais leituras são extremamente importantes, porque trazem outros esquemas de conhecimento e as diferentes opiniões de cada uma delas. Vejamos os segmentos, a seguir, com *Viviane, Gabriele e Bárbara*.

Segmento 6a - *Viviane*

- 3 bem a primeira tira fala do tempo↓ né↑
 4 aquela coisa do tempo.hh
 5 que a maioria das pessoas estão presa a
 6 a tempo a relógio...
 7 e::
 8 quando você tá de férias você quer relaxar: quer esquecer hora
 9 não quer estar subordinada ao tempo pra nada.
 10 quer relaxar totalmente.

Viviane inicia sua leitura focalizando a questão do tempo e se utiliza de algumas indeterminações, ao enunciar a “*a maioria das pessoas*” (linha 5) e “*você*” (linha 8). Ela vai fazendo a leitura de cada cena e é nas tiras subseqüentes que vai acrescentando outras leituras em suas complementações.

Segmento 6b – *Viviane* (cont.)

- 11 depois, a escravidão que principalmente as mulheres passam
 12 com a balança né↑
 13 aquela coisa de:
 14 eh:
 15 comer milanesa com fritas, né↓
 16 mas apesar dela gostar
 17 mas por causa da balança ela quer
 18 tomar um iogurtezinho e vê--
 19 mesmo que--
 20 né↑
 21 querendo comer ela

Na leitura do segundo quadro, que trata da sugestão do marido “*Que tal milanesa com fritas*”, Viviane traz à tona o problema da necessidade de controle do peso das mulheres, “*a escravidão que principalmente as mulheres passam com a balança né ↑*” (linhas 11 e 12). Sua leitura aqui não está mais relacionada “*à impossibilidade de descansar nas férias*”. Ela explicita a seguir, que “... *apesar dela gostar, mas por causa da balança ela quer tomar um iogurtezinho...*” (linhas 16 a 18).

Segmento 6c – *Viviane* (cont.)

25 a terceira parte
 26 é “momentos de relaxamento”.
 27 a mulher (que)
 28 relaxou tanto na praia,
 29 mas relaxou tanto
 30 que ela esqueceu até do próprio filho.
 31 e a cobrança do marido né ↑
 32 porque o marido acha que a mulher
 33 é que tem que tá toman- tomando conta do filho.
 34 ele nunca pode né ↑
 35 tomar conta do filho.
 36 coisa que--
 37 direitos iguais né ↓
 38 e ele tem que tomar tanto quanto ela.
 39 e ela também tem direito de relaxar.hh
 40 né ↓

Ao fazer a leitura do terceiro quadro, que trata das reclamações do marido sobre os cuidados com o filho, além de reproduzir a cena, *Viviane* usa repetições como forma de ênfase – “...*relaxou tanto na praia, mas relaxou tanto que ela esqueceu até do próprio filho.*” (linhas 28 a 30). No entanto, ela acrescenta sua opinião da circunstância da cena: “*porque o marido acha que a mulher é que tem que tá toman- tomando conta do filho.*” (linhas 32 e 33) e “*ele nunca pode né ↑ tomar conta do filho.*” (linhas 34 e 35). Ela emite sua opinião ao defender os direitos iguais – “*coisa que--direitos iguais né ↓ e ele tem que tomar tanto quanto ela. e ela também tem direito de relaxar.hh né ↓*” (linhas 37 a 49).

As mulheres entrevistadas, a partir de uma leitura interpretativa das tirinhas, acabam revelando, assim, elementos que Maitena não apresenta nas cenas. Vejamos o segmento a seguir, com *Gabriele*:

Segmento 7 - *Gabriele*

10 mesmo com toda e:ssa preocupação né↑
 11 de ca:sa de vida profissional: de família
 12 a mulher,o que mostra aqui através dessas figuras que ela não consegue nem descansar
 13 nos seus momentos de lazer.
 14 ela pára.hh e fica pensando sobre várias atividades sobre contas pra pagar sobre o
 15 supermercado pra fazer cuidar da família cuidar dos filhos
 16 então ela acaba adquirindo uma responsabilidade muito grande, coisa que o homem ele
 17 por si só ele não tem essa essa preocupação que a mulher tem.
 18 ela acaba se dividindo. na sua vida profissional e na sua vida familiar né↑
 19 carregando por si mesma essa carga enorme né↓
 20 de responsabilidade.=

Gabriele, como já colocamos anteriormente, fez a leitura em concordância com Maitena (linhas 10 a 15). No entanto, ela coloca em foco a responsabilidade da mulher – “*então ela acaba adquirindo uma responsabilidade muito grande*” (linha 16), não partilhada pelo homem – “*ele por si só ele não tem essa essa preocupação que a mulher tem*” (linha 17). E traz, logo a seguir, o problema da divisão da mulher entre vida profissional e vida familiar (linha 18). Em nenhum momento, na tirinha, Maitena trouxe a questão da dupla jornada da mulher.

Bárbara, no segmento seguinte, vai um pouco além a suas interpretações.

Vejamos:

Segmento 8 - *Bárbara*

4 sobre a tira da página 11,
 5 eh:
 6 eu acho que isso aqui retrata mesmo que as mulheres--
 7 o dia a dia das mulheres né↑
 8 só que eu acho que com a vida moderna as mulheres
 9 assumiram os papéis masculinos↑.hh
 10 em parte.
 11 porque esqueceram de ser gozadoras como os homens.
 12 né↑
 13 deviam pegar mais leve e não querer pegar tão pesado.
 14 ou seja,
 15 assumir o papel masculino tudo bem. vai pra rua ganha dinheiro participa
 16 da vida↑ né↓
 17 ativamente mas também.hh
 18 eu acho que a gente eh
 19 peca por ser tão--
 20 por pegar tão pesado.=
 21 não ser tão ágil quanto os homens.=
 22 os homens são mais lights
 23 >entendeu<

24 e a gente pega pesado.
 25 quer assumir tudo↑
 26 e acaba não dando nada certo.
 27 não faz o que tem que fazer,
 28 fica insatisfeita.hh

Bárbara inicia seu relato em concordância com Maitena – “*eu acho que isso aqui retrata mesmo que as mulheres-- o dia a dia das mulheres né↑*” (linhas 6 e 7). Nas linhas seguintes, revela sua argumentação sobre as conseqüências de as mulheres terem assumido o papel masculino de provedoras (*ganhar dinheiro*): “*só que eu acho que com a vida moderna as mulheres assumiram os papéis masculinos↑.hh em parte. porque esqueceram de ser gozadoras como os homens. né↑ deviam pegar mais leve e não querer pegar tão pesado. ou seja, assumir o papel masculino tudo bem. vai pra rua ganha dinheiro participa da vida↑ né↓ ativamente mas também.hh eu acho que a gente eh peca por ser tão-- por pegar tão pesado.= não ser tão ágil quanto os homens.= os homens são mais lights*” – (linhas 8 a 22).

Vimos assim três tipos de leituras: (i) leitura parafrástica; (ii) leitura com identificação e envolvimento; e (iii) leitura interpretativa, conduzindo a “outras leituras” não presentes nas cenas desta tirinha.

Schiffrin (1990: 255-6) esclarece que formas cotidianas de discurso são guiadas por normas de cooperação e competição. A autora sugere que opiniões e estórias adequam o tipo de participação do indivíduo e tais ajustes permitem que os indivíduos negociem padrões de verdade e sinceridade na argumentação (cf. capítulo 3, seção 3.2). Na manifestação das opiniões femininas sobre as tiras de Maitena (“*O melhor das férias é descansar*”), percebe-se uma atitude cooperativa com a autora em creditar sua “verdade” retratada nas cenas da tirinha.

Com *Gabriele*, *Cláudia* e *Samantha*, percebemos uma leitura parafrástica da tirinha, o que revela uma intenção das participantes em serem claras na emissão de suas opiniões, mostrarem-se de acordo com o que Maitena revela.

Com *Vera* e *Kátia*, mais do que concordância, encontramos exemplificações com o envolvimento e cooperação em seus relatos de opinião.

Em *Viviane*, *Gabriele* e *Bárbara*, encontramos, além de uma leitura interpretativa da tirinha, interpretações e reflexões com acréscimos que não constam nos quadros. A partir de sua visão de mundo, de seus esquemas de




conhecimento – Ribeiro e Pereira (2002, 2004) – estas não apreendem meramente um sentido que está no texto, mas atribuem sentidos a ele, cf. Orlandi (1996). Estes aportes, que não são colocados por Maitena – aqui denomino de *elementos fantásticos* – são as atribuições ao texto que as entrevistadas oferecem com as emissões de opiniões. Somente *Bárbara* apresenta uma leitura reflexiva do texto, sobre as implicações das mudanças das feminilidades, ao assumirem papéis masculinos na sociedade.






As mulheres percebem, portanto, que a crítica “apimentada” de Maitena dirige-se ao mundo feminino e a seus questionamentos. As entrevistadas se alinham (Goffman, [1979] 2002) à autora e revelam, em seus discursos, sua concordância e alinhamento ao que Maitena apresenta.

5.2.1.3 Feminilidades construídas pelos homens em suas leituras

Nessa seção, assumindo novamente os pressupostos da *teoria da leitura como prática social*, que tem sua preocupação com o que o leitor traz em seu discurso quando lê um texto, observaremos como os homens, também sujeitos dessa pesquisa, emitem suas opiniões sobre a tira em questão: *O melhor das férias é descansar*. As opiniões (Schiffrin, 1990; Shi-xu, 2000) vão se constituir quando eles lêem, na tira, questionamentos femininos revelados em cenas do cotidiano feminino, no contexto familiar, pelas personagens de Maitena. A partir daí, pretendo discutir as feminilidades apontadas por esses leitores.

Foram também oito os homens entrevistados, em diferentes faixas etárias (entre 25 e 56 anos); dois são solteiros, quatro são casados, um é divorciado, outro separado. Em relação às profissões, cinco deles são professores; dos outros três, um é publicitário e os outros dois são da área empresarial. Apresento, a seguir, os dados dos homens:

-  *Emerson* (25 anos, solteiro, professor);
-  *Fernando* (30 anos, solteiro, professor);
-  *Luiz Carlos* (34 anos, casado, professor);

-  *João Carlos* (36 anos, casado, professor);
-  *Jorge Renato* (38 anos, casado, empresário);
-  *Márcio* (39 anos, divorciado, publicitário);
-  *André* (40 anos, separado, professor);
-  *Edmar* (56 anos, casado, administrador de empresas).

As subseções, a seguir, são nomeadas de acordo com o tipo de leitura que os homens fizeram: (i) *leitura parafrástica*; e (ii) *leitura interpretativa*.

(i) **Leitura parafrástica**

Em um primeiro instante, percebi que há uma tentativa de assumir, com as mulheres, uma atitude cooperativa, ou seja, alguns dos entrevistados se alinham aos conflitos denunciados nas cenas da tirinha como se verifica, por exemplo, em *Luiz Carlos*, linhas 5 a 16:

Segmento 9 - *Luiz Carlos*

5 o que eu entendi
 6 eh pelas ilustrações na seqüência,
 7 é que no dia-a-dia da mulher
 8 né↓ é uma atividade be:m cansativa né↓
 9 e pelo que foi colocado ali
 10 tudo sai-- fica em cima da mulher↓ né↑
 11 é pelo: pelas cobranças pelas (2)
 12 eh...
 13 falta né de...
 14 de união de repente com o com o marido falta de entendimento.... uma
 15 uma... bipolaridade de
 16 de jeito de ver as coisas.

Podemos ver que *Luiz Carlos*, iniciando por “*O que eu entendi*”, focaliza as ilustrações da tira e faz afirmações em que surgem a sua opinião, em concordância com Maitena: “*↓ é uma atividade be:m cansativa né↓ (...) tudo sai-- fica em cima da mulher↓ né↑*” (linhas 8 e 10). Em suas interpretações, ele atribui os problemas surgidos a mal-entendidos entre o casal: “*falta né de...de união de repente com o com o marido falta de entendimento*” (linhas 13 e 14).

Com *Jorge Renato*, a seguir, também temos, inicialmente, uma leitura em concordância com Maitena.

Segmento 10a - *Jorge Renato*

- 3 o que eu achei foi o seguinte que:...
- 4 a pessoa tira férias não é pra descansar↑
- 5 e: pelo que eu vi da:
- 6 pessoa uma mulher ela tirou férias pra descansar e foi muito cobrada...
- 7
- 8 ela tirou férias no trabalho mas em casa trabalhou muito,
- 9 e foi cobrada de tudo....
- 10 chega no final ela...
- 11 quando viu tinha contas pra pagar ou seja, ela tinha que pagar e não pagou ficou tudo
- 12 atrasado na casa dela↑
- 13 as contas ficaram todas atrasadas↑ e ela não pagou e ela foi penalizada por isso.
- 14 ela mesma se culpou. então cadê as férias dela?...

Jorge Renato inicia a expressão de sua opinião partindo de “*o que eu achei foi o seguinte*”. Ele focaliza, logo de início, a sua inferência com base na oposição que Maitena estabelece entre o título e as cenas (linhas 4 a 6). A partir do estabelecimento da inferência principal, ele dá os suportes da inferência, de forma mais geral, ressaltando o fato de a mulher ter trabalhado muito e ter sido ‘cobrada’ (linhas 8 e 9) e ressalta a cena final do atraso de pagamento de contas e da própria culpa da mulher (linhas 10 a 14).

É interessante observar que, embora as interpretações de *Luiz Carlos* e *Jorge Renato* sejam possíveis com base nas cenas de Maitena, *Luiz Carlos* dá ênfase a desentendimentos do casal e *Jorge Renato* atribui toda culpa à mulher.

Schiffrin (1990: 255-56), como já comentamos na seção de análise da tira com as mulheres, esclarece que *formas cotidianas de discurso são guiadas por normas de cooperação e competição*. Alguns dos entrevistados alinham seus discursos, primeiramente, a *normas de cooperação*, concordando, em suas leituras, com os questionamentos levantados por Maitena através das personagens da presente cena; outros aderem às de *competição*, ao estabelecerem novas leituras, trazendo outras opiniões, como veremos na próxima seção.

(ii) Leitura interpretativa

Há, no entanto, com este grupo, poucas leituras parafrásticas e de real concordância com a opinião inferida na tira de Maitena. Ao começarem a expor suas opiniões sobre as tiras, vê-se que alguns homens, embora em um primeiro momento façam a leitura em concordância, logo manifestam outra opinião, ou, já de início, fazem interpretações como se os conflitos femininos apresentados pela

autora, de forma cômica, fossem também vivenciados por eles e daí começam a “sair” das ‘linhas e entrelinhas do texto, cf. Scott (1983), criando novas leituras para justificarem suas opiniões.

Podemos observar, a seguir, que *Jorge Renato*, embora faça inicialmente a leitura em concordância com Maitena (como visto no item anterior), logo manifesta uma opinião competitiva:

Segmento 10b - *Jorge Renato* (cont.)

15 e na minha opinião os eh:
 16 não há cobranças como eu tô vendo na página 11. porque quando a gente tira férias
 17 geralmente a gente viaja passeia e: as pessoas respeitam o: os nossos 30 20 dias--
 18 conforme for-- das férias. porque sabe que você trabalhou muito durante um ano
 19 praticamente e tá tirando aquelas férias pra curtir um pouco e não para ser cobrada.
 20 tanto é que às vezes a pessoa= o homem ou as crianças assume até um pouco o papel da
 21 mãe entendeu↑ ou viajam juntos e cada um faz uma parte de uma coisa.

Em *Jorge Renato*, temos a pista de contextualização “*e na minha opinião os eh.*” (linha 15) que sinaliza a negação da inferência da opinião de Maitena - “*não há cobranças como eu tô vendo na página 11*” – (linha 16) e a introdução de uma opinião competitiva. Essa opinião competitiva vem afirmar o respeito pelas férias - “*a gente viaja passeia e: as pessoas respeitam o: os nossos 30 20 dias*” - (linha 17) e o partilhamento das tarefas pelo homem e as crianças – “*tanto é que às vezes a pessoa= o homem ou as crianças assume até um pouco*” (...) “*cada um faz uma parte de uma coisa*” (linhas 21 e 22). O entrevistado manifesta, assim, outra opinião que se constrói a partir de seus argumentos e traz à tona outras identidades de partilhamento, do homem, enquanto companheiro, e das crianças.

A autora retrata logo na primeira cena da tira que ninguém substitui a mulher em seus afazeres domésticos. Já o entrevistado solicita a mim – sua entrevistadora e ouvinte – a concordância com sua opinião através do uso do marcador discursivo “*entendeu*”: “*as crianças assume até um pouco o papel da mãe entendeu↑ ou viajam juntos e cada um faz uma parte de uma coisa*” (linhas 21 e 22).

Encontramos ainda um artifício de indeterminação de sujeitos agentes na leitura de *Jorge Renato*: “*não há cobranças como eu tô vendo na página 11. porque quando a gente tira férias geralmente a gente viaja passeia*” (linhas 16 e 17). Para ele, os dois sexos – homens e mulheres – sofrem os mesmos conflitos e

angústias, ou seja, ele não focaliza em sua leitura que a crítica apresentada nas tiras por Maitena dirige-se às mulheres, pois, de acordo com a feminilidade apresentada, sempre foi da mulher a obrigação com os cuidados domésticos.

Em *Edmar*, também encontramos a construção da opinião competitiva.

Segmento 11 – *Edmar*

2 o que eu enten-
 3 o tema que eu entendi
 4 da página 11, é o seguinte.
 5 que as pessoas
 6 acham que as férias--
 7 tá certo que as férias são pra descansar pra lazer
 8 mas que a respon-
 9 a responsabilidade do dia a dia ela não
 10 termina mesmo com o advento das férias.
 11 mesmo que você vá curtir o laze:r curtir o ócio,
 12 as suas...
 13 os seus compromissos estão sempre juntos
 14 juntos eh::
 15 juntos de ti porque afinal de
 16 afinal de contas são compromissos que você tem durante doze meses do ano. entendeu?
 17 então aqui é um diálogo eh
 18 entre as partes um defendendo uma parte outro defendendo outra,
 19 mas minha opinião sensata a respeito desse tema é esse.
 20 é que:
 21 têm que conciliar as coisas
 22 mesmo em períodos de férias.

Edmar inicia sua leitura pela expressão “o tema que eu entendi” (linha 3) e começa a focalizar a opinião inferida da tira “as pessoas acham que as férias” (linha 6). Podemos ver que logo faz uma interrupção, seguida de uma concordância parcial: “tá certo que as férias são para descansar pra lazer” (linha 7). Vem, então, a sua opinião, introduzida pelo marcador discursivo “mas”, um marcador de posição: “mas que a respon- a responsabilidade do dia a dia ela não termina mesmo com o advento das férias.” (linhas 8 a 10). A partir da expressão da opinião competitiva, com foco na responsabilidade, ela vai apresentar argumentos envolvendo “compromissos estão sempre juntos” (linha 13) e, em sua conclusão, anuncia que “na minha opinião sensata” (linha 20), “tem que conciliar as coisas mesmo em período de férias” (linhas 22 e 23).

O entrevistado não concorda, portanto, com a opinião inferida da tira de Maitena. Como ele se utiliza de muitos recursos de indeterminação como “as

peçoas” (linha 5), “*você*” (linha 11), inferimos que este expressa uma opinião que foca as pessoas, de forma mais ampla, mas também incluindo a mulher.

Os entrevistados ultrapassam, assim, as fronteiras do quadrinho e fazem uma leitura com base em sua visão de mundo, isto é, das identidades, crenças e conhecimento de mundo que possuem – Lopes (1996) *apud* Silva (2003).

São muitas as expressões de indeterminação utilizadas pelos leitores (homens). Entendemos que esse tipo de emprego pode estar expressando o não envolvimento dos mesmos. Por outro lado, o uso aponta também para o desvio de foco das questões por ele apontadas, não direcionadas, especificamente, para os problemas da mulher. Tal mudança desloca, portanto, o âmbito de quem é afetado pela impossibilidade das férias ou por problemas de outra natureza. Destacamos, em especial, a leitura de *João Carlos e Márcio*.

Segmento 12 – *João Carlos*

- 4 bom na verdade o que o texto fala é um::
 5 digamos assim é:..
 6 as coisas que a gente se impõe no dia a dia mesmo nas férias as preocupações que a gente
 7 se impõe sobre família trabalho dinheiro. as pressões sociais que a gente tem de deixar
 8 tudo pronto de deixar tudo em di:a de cuidar das coisas das pessoas das rotinas etc. não
 9 nos abandona, nem mesmo nas férias.
 10 A gente sem querer a gente se prende a uma série de padrões e rotinas e... e coisas que
 11 são feitas por nós mesmos e que a sociedade impõe↑
 12 e: que a gente não consegue se desligar nem mesmo quando a gente se programa pra
 13 desligar. eu acho que é só isso. é bem crítica social mesmo.

João Carlos inicia sua leitura pela expressão “*bom na verdade o que o texto fala*” (linha 4). A princípio, poderíamos esperar que ele fosse fazer uma leitura mais pautada nas linhas do texto. No entanto, podemos ver que, logo a seguir, ele traz informações mais genéricas: “*as coisas que a gente se impõe no dia a dia mesmo nas férias as preocupações que a gente se impõe sobre família trabalho dinheiro. as pressões sociais*” (linhas 6 e 7). O foco são “*as coisas*”, no âmbito da família, do trabalho e das pressões sociais. O entrevistado utiliza-se também da indeterminação, usando várias vezes “*a gente*”. Sua opinião se aplica assim ao estado de espírito das pessoas: “*a gente não consegue se desligar*” (linha 12) e destaca “*é bem crítica social mesmo*” (linha 13).

No segmento com *Márcio*, também há generalidades e desvio de foco em sua leitura.

Segmento 13 – *Márcio*

2 (...) ↑ eu: tô comentando sobre a página...
 3 a matéria 11↑
 4 que o tema é “o melhor de férias é descansar”.
 5 bom sobre o comentário sobre essa matéria,
 6 eu tenho a dizer que:..
 7 que realmente o cotidiano dessas pessoas.hh tá bem conturbado bem confuso né↓ porque:
 8 não existe uma organização... eh:
 9 <familiar>.
 10 então são tantos problemas que o casal: eh passa o dia a dia-- o estre:sse enfim
 11 que: faz com que eles levem a vida até a própria as próprias férias quando vem.hh
 12 elas não vêmhh de uma maneira mais... eh:: enfim
 13 não vem de uma maneira mais calma eh..
 14 não descansada né↓ e sim ele acumula justamente esse período de 30 ou 15 depende
 15 muito de quanto eles tiram esses dias de férias↑
 16 justamente pra repensar os problemas adquiridos no dia a dia né↓
 17 então eu acho que: a sociedade tá passando por isso. né↑ eh::
 18 são tantos problemas a ser resolvidos.hh
 19 que fica difícil você entrar em férias, né↑
 20 com todos o problema que temos nesse país eh:
 21 os problemas são muitos principalmente sociais..
 22 aonde o dinheiro falta pra tudo↑
 23 onde você: não consegue--
 24 a grande família não-- as grandes famílias as brasileiras não conseguem.hh eh:
 25 realizar eh:
 26 no fechado de cada mês

Márcio inicia sua leitura recuperando o título da tira (linha 4), indicando que talvez direcione o foco para as linhas do texto, mas faz uma interpretação mais geral “*que realmente o cotidiano dessas pessoas.hh tá bem conturbado bem confuso né↓*” (linha 7). A seguir, sua explanação vem explicitando problemas vivenciados pelo casal (linhas 8 a 15). Sua opinião é expressa em relação à impossibilidade de tirar férias “*que fica difícil você entrar em férias, né↑*” (linha 19) em função dos problemas sociais. Assim, como *João Carlos*, *Márcio* utiliza também formas de indeterminação como “*as pessoas*” (linha 7), “*você*” (linha 19) e foco o casal (linha 10) e a grande família brasileira (linha 24).

Podemos ver, portanto, que se abre o leque de esquemas de conhecimento dos entrevistados para os problemas do cotidiano, e revelam, sobretudo, “stress” com a vida moderna, na impossibilidade das férias e de solução de problemas de outra natureza.

Na perspectiva da leitura como prática social não existe um significado único na leitura de um dado texto, mas vários que podem co-existir juntos, Lopes (1996).

Orlandi (1996: 39-40) revela que a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação, isto é, os entrevistados revelam o significado do objeto lido revelando suas visões de mundo e crenças. Vejamos as leituras de *André e Fernando*.

Segmento 14 – *André*

4 bom o que eu achei da tira nº 11 é que ela tá usando o recurso.hh
 5 de humor muito interessante que é o recurso da ironia né↑
 6 (ela) própria apresenta eh:
 7 a vida de uma maneira
 8 ao contrário do que se queria que fosse né↑
 9 eu achei muito bem feita muito engraçada e uma crítica social também né↓ uma crítica de
 10 que no mundo contemporâneo no mundo moderno a gente não tem tempo pra parar e pra
 11 se desvencilhar dos nossos problemas.
 12 basicamente isso.
 13
 14 bom quanto à questão da mulher eu acho que
 15 que a tira
 16 acaba por mostrar que.hh
 17 na verdade por finalizar com a mulher né↑
 18 na verdade a seqüência de imagens finaliza com a mulher.hh
 19 mostra que o trabalho talvez seja dobrado né↓ (°pra mulher°) porque além de ter os
 20 problemas do lar ela tem os problemas de quem trabalha fora.
 21 essas coisas que a gente sabe que tá acontecendo com a mulher contemporânea....
 22 então sim sim ela retrata isso. e é feita por uma mulher né? a criadora é uma mulher.
 23 então naturalmente vai tentar se debruçarhh maishh sobre os problemas que atormentam o
 24 universo feminino na atualidade.

André introduz um tipo de leitura diferenciado. Ele faz a leitura em duas fases: uma sobre a tira inserida na obra de Maitena, outra com o foco na feminilidade presente na tira. Sua opinião sobre a tira, como parte da obra de Maitena é positiva: “*la tá usando o recurso.hh de humor muito interessante que é o recurso da ironia né ↑*” (...) “*eu achei muito bem feita muito engraçada*” (linhas 4, 5 e 9). Ao mesmo tempo, ele traz as suas interpretações sobre a natureza da obra e de seu foco voltado para as questões femininas: “*uma crítica social também né ↓ uma crítica de que no mundo contemporâneo*” (linhas 9 e 10). Ele ressalta que “*no mundo moderno a gente não tem tempo pra parar e pra se desvencilhar dos nossos problemas.*” (linhas 10 e 11).

Em relação à mulher, ele traz a identidade profissional da mulher, junto à de dona de casa: “*além de ter os problemas do lar ela tem os problemas de quem*

trabalha fora.” (linhas 19 e 20). No final, ele retorna à obra da autora: “*essas coisas que a gente sabe que tá acontecendo com a mulher contemporânea....então sim sim ela retrata isso. e é feita por uma mulher né? a criadora*” (linhas 21 e 22).

Segmento 15 – *Fernando*

5 o que eu entendi dessa tira foi o seguinte que...
 6 apesar da mulher nos últimos anos ter mudado o papel dela na socieda:de
 7 algum tempo atrás ela queria casa:r ter fi:lhos cuidar do marido cuidar da casa
 8 ela ter se emancipado né↓
 9 parte em busca de uma vida melhor um mercado de trabalho (de)
 10 de emancipação dela mesmo,
 11 ela continua sendo (>vamos dizer<) a
 12 a rainha do lar (no sentido) que tudo acaba estourando em cima dela. todas as
 13 preocupações com a família com os filhos com o marido, não foram divididas
 14 da mulher com o marido, e com os filhos. continua caindo tudo em cima dela↑

Fernando inicia sua leitura a partir de sua interpretação. Ele diz “*o que eu entendi dessa tira foi o seguinte*” (linha 5). O entrevistado não se atém à tira e fala que “*apesar da mulher nos últimos anos ter mudado o papel dela na sociedade (...) de “ela ter se emancipado”* (linhas 6 e 10), ela continua a ser “*a rainha do lar*” (linha 12). *Fernando* faz suas reflexões sobre a ausência de mudança e sobre a sobrecarga da mulher “*tudo acaba estourando em cima dela*” (linha 12).

É interessante observar que, *André* e *Fernando* trazem leituras reflexivas sobre o papel da mulher e ampliam, no entanto, o horizonte da tirinha lida. O título “*O melhor das férias é descansar*” e os seis subtítulos apresentados retratam desejos que essas mulheres possuem para desfrutar as férias de sua família como um momento de lazer para eles e para elas. Estes anseios contrapõem-se aos desenhos e falas dos personagens, denunciando que as férias são para suas famílias e não para as mulheres retratadas. As mulheres jamais tiram férias, pois, na jornada que inclui ser mãe e esposa, não há quem as substitua.

Nenhum dos entrevistados percebe tal dicotomia, ao contrário, opinam inserindo suas crenças - Shi-xu (2000: 264) - sobre a dupla jornada feminina. Os entrevistados lêem as mulheres apresentadas nas seis cenas como se estas assumissem os papéis de donas-de-casa e daquelas inseridas no mercado de trabalho, como se as duas construções identitárias estivessem sendo retratadas na cena.

Maitena, em nenhum momento, oferece indícios de que essas mulheres tenham dupla jornada, ao contrário, nas cenas desta tira, através das imagens caricaturadas de homens e mulheres, diálogos e subtítulos, ela aponta para as feminilidades assumidas pelas personagens: as mulheres donas-de-casa e mães as quais recebem cobranças de todos com os quais estas (con)vivem.

O tema apresentado são as férias, mas quem na verdade está de férias não são as feminilidades representadas: mães e donas-de-casa, mas seus filhos e companheiros que não deixam, em nenhum momento, de cobrar atitudes, deveres e atribuições que a família outorga-lhes no dia-a-dia.

A mulher, que trabalha fora de casa, é de forma alguma retratada nestas cenas. Contudo isso foi visto pelos entrevistados de forma unânime, ou seja, estes visualizam que as mulheres merecedoras das férias são aquelas emancipadas (financeiramente).

Os oito entrevistados apresentam algumas diferenças quanto a leitura das tirinhas. Alguns, como, por exemplo, *Jorge Renato* e *Luiz Carlos* ratificam o que é apresentado nas cenas e assumem uma *atitude cooperativa* com as mulheres - Schiffrin (1987: 255). Outros se valem das *normas de competição* para demonstrar diferentes masculinidades.

Porém, o que é revelado por Maitena, é que o cooperativismo não existe quando a mulher sai de férias com sua família, pois à mulher está destinado o papel de “cuidadora” de todos. Desde que o homem, nos tempos pré-históricos, por exemplo, saía à caça, era a mulher quem cuidava da “casa” (quer dizer, da caverna) e dos filhos. Divisão de obrigações do zelar pelo habitat se dá dessa maneira desde a origem da história da humanidade.

Deve-se ressaltar que *João Carlos* e *Luiz Carlos* fazem, também, uma leitura, a princípio, parafrástica da tirinha, ou seja, descrevem as cenas tais como são apresentadas pela cartunista. Já *Jorge Renato* e *André* revelam elementos que não são retratados nas cenas. Isto nos leva a crer que se trata de uma leitura interpretativa, de caráter *fantástico*, pois acrescentam elementos, dados, informações que não são abordados – nem verbalmente nem visualmente – por Maitena.

Foi observado, nesses depoimentos, que alguns tópicos foram freqüentemente abordados na leitura dos entrevistados. Entre eles, podemos destacar, os índices de indeterminação do sujeito e o jogo de vozes.

Os homens fazem, sobretudo, uma leitura interpretativa e reflexiva das tiras. A partir do objeto lido, estes revelam sua visão de mundo e avaliam as condutas dos sexos.

Shi-xu (2000: 266-69) revela que *o discurso* se manifesta enquanto linguagem como uma atividade simbólico-lingüística em um contexto social, onde deixa transparecer: (i) a questão da verdade; (ii) o discurso do self e do outro; e (iii) o *discurso de fato, ou seja, o próprio assunto*, cf. cap.3, seção 3.2. Para o autor, o discurso de opinião deve ser subjetivo, pessoal, individual, mental e distante da realidade, i.e., quando as pessoas emitem suas opiniões, elas estão tentando sugerir o quê as mesmas são e o quê elas pensam.

5.2.2 Construção de feminilidades na tirinha “Aquelas coisas que só nós podemos dizer (porque se ‘Eles’ dizem, armamos um escândalo)”

A segunda tira usada para as “leituras” apresenta o título: *Aquelas coisas que só nós podemos dizer (porque se “Eles” dizem, armamos um escândalo)*, Maitena (2003: 39, v.01):

- **1º quadro:** *“Estou gorda como uma vaca!”*

A mulher está diante do espelho e, ao se ver, fala para o marido – que está de costas para seu reflexo no espelho: *“Estou gorda como uma vaca!”*. Vê-se que a mulher faz este comentário por se achar fora do estereótipo ideal feminino nas sociedades argentinas e brasileiras, a de mulheres magérrimas – quase anoréxicas – esbeltas, livres de celulites, estrias, ou seja, dentro dos padrões de estética impostos hoje pela mídia em geral. A posição do marido (de costas para seu reflexo no espelho) e com um olhar espantado apontam como uma afirmação que jamais poderia ser dita por ele, pois seria um explícito ato de ameaça à face da mulher. Haveria conflitos entre os dois caso o homem verbalizasse as inquietações que esta mulher passa.

- **2º quadro:** *“... e se não sairmos para jantar e ir ao cinema e ficamos em casa, que estou cansada?”*

A mulher comenta ao seu companheiro que, neste momento, está detrás de uma cortina-de-box tomando banho, utilizando-se de mitigadores em seu discurso e através de sua expressão corporal, a possibilidade de não sair para jantar fora, pois ela encontra-se cansada. O homem, como no primeiro quadro, mostra-se surpreso, pois a sugestão dada pela mulher jamais poderia ser dita por ele sem que isso implicasse em conflitos.

- **3º quadro:** *“Tomara que não saia com as orelhas do meu irmão!”*

O casal está no hospital. A mulher está na cama e enquanto olha para seu bebê recém-nascido e comenta: *“Tomara que não saia com as orelhas do meu irmão!”*. O marido, com um olhar coagido, pensa (observa-se isso pelo formato do balão na cena): *“Deus te ouça!”*, ou seja, está perfeitamente de acordo com sua mulher, mas sua concordância neste momento, pode ser um ato de ameaça à face de seu filho e sua mulher.

- **4º quadro:** *“Parece que o molho ficou horrível!”*

O casal está sentado à mesa com seu filho fazendo uma refeição. A mulher expressa sua insatisfação com a comida, provavelmente preparada pela mesma, com a afirmação: *“Parece que o molho ficou horrível!”*. Seu companheiro parece estar de acordo, assim como o filho - já que este último expressa seu

descontentamento com a interjeição “*Blargh!*” – mas mantém o silêncio verbal para não entrar em conflitos com a mulher. Prefere o silêncio para que suas palavras não soem à mulher como reclamação ao que ela produziu. O não-verbal é explícito através do desenho, mas o verbal não é apontado, pois geraria um grande conflito com a mulher.

- **5º quadro:** “*Mas o que estou dizendo? Não entendo nada de política!*”

Neste enquadre, há alguns homens e umas poucas mulheres num sofá conversando. Parece que o tópico da conversa é política. A expressão não-verbal dos homens é de estranhamento quando uma mulher comenta: “*Mas o que estou dizendo? Não entendo nada de política!*”. Provavelmente se alguns dos homens presentes comentassem que a mulher estava fugindo do assunto, estes iniciariam um conflito com a mesma.

- **6º quadro:** “*Minha mãe é uma bruxa ... de ...!*”

Neste enquadre, observa-se um casal em que a mulher irritadíssima com algo que sua mãe disse ao telefone verbaliza de forma agressiva pelo que envolve o balão e através de sua expressão visual: “*Minha mãe é uma bruxa ... de ...!*”.

5.2.2.1 O olhar da *mulher alterada*

*“Os leitores fazem uso dos conhecimentos que constroem por intermédio dos textos para constituírem-se como seres plurais”,
in: Silva (2003: 25).*

Nessa tira, os homens aparecem sempre com um olhar espantado ou realizando algum gesto limitando sua pretensão à ação ou verbalização – o que geraria conflito. Por exemplo, na sexta cena, este encontra-se com a mão na boca, como tentativa de impedir uma concordância verbal com a mulher. O homem jamais poderia dizer que sua sogra é uma “*bruxa*”, pois isso geraria um desagradável burburinho com sua companheira.

Se observamos as diferentes mulheres retratadas, verificamos que estas se incomodam com comentários que outros – na maioria das vezes seu companheiro – fazem a seu respeito. Se esses comentários são proferidos pela mulher, não há incômodo, mas se denunciados pelo outro, verifica-se uma tentativa de ameaça à face da mulher. Ela pode expor suas inquietações, seus anseios, preocupações, insatisfações, mas não permite que outros o façam.

Silva (2003) ressalta a importância do outro na construção do eu. Salienta que o “eu” só é construído a partir do outro, pois o indivíduo torna-se consciente de si mesmo no processo de tornar-se consciente dos outros. Portanto a construção das feminilidades sempre dependerá da interpretação da realidade por parte dos indivíduos em um determinado momento.

As afirmações contidas nos títulos das tiras vão, aos poucos, se desconstruindo devido às situações vivenciadas pelas mulheres retratadas que dialogam de forma irônica com os sub-títulos ou com seu interlocutor. Os “desejos” mostram-se incompatíveis com as ações dos personagens nas tiras de Maitena.

Nesta tira podemos observar uma referência à teoria das duas culturas, cf. Tannen (1986), pela qual se verificam relações entre gênero e às características conversacionais dos personagens. Tannen (1990: 26) afirma que “*estas diferenças podem dar às mulheres e aos homens diferentes visões de uma mesma situação*”, ou seja, já que estes pertencem a ‘diferentes mundos’, as concepções e interpretações da visão de ‘mundo’ dão-se de modos distintos. Aqui Maitena apresenta mulheres que falam de sua concepção de mundo e, caso os homens retratados queiram concordar com estas ou ‘entrar’ nessa esfera, estes passarão por conflitos bastante intensos.

5.2.2.2 Feminilidades construídas pelas mulheres em suas leituras

Observaremos, na presente, como tais leitoras emitem opinião, cf. abordagem de Schiffrin (1990) e Shi-xu (2000) nesta segunda tirinha.

Ao revelarem suas opiniões a respeito da 2ª tira eleita para a coleta dos dados do grupo de mulheres, “*Aquelas coisas que só nós podemos dizer (porque se “Eles” dizem, armamos um escândalo)*”, percebemos que este grupo, novamente, deixou claro que suas opiniões sobre a tira apontam para esses três momentos que Shi-xu (2000) apresenta como: (i) a questão da verdade; (ii) o discurso do *self* e do outro; e (iii) o discurso de fato, ou seja, o próprio assunto. Podemos observar esse fato nos relatos de *Cristina, Bárbara e Vera*.

Segmento 16 - *Cristina*

28 eh observando
 29 os diálogos da página 39,
 30 eh dá pra perceber que
 31 eh
 32 como eu como mulher
 33 eh
 34 posso me identificar aqui também né↑
 35 porque realmente, as coisas que a mulher diz, é só ela que pode dizer principalmente
 36 sobre si a sua pessoa.
 37 eh porque se ela ouvir de outras pessoas realmente vai ser
 38 motivo pra briga discussão↓

Segmento 17 - *Bárbara*

33 eh as tiras da página 39. agora eu acho que não é um problema específico da mulher
 34 não gostar de: ser criticada. eu acho que o ser humano não:
 35 aceita bem a crítica
 36 tá?
 37 talvez as mulheres até:
 38 aceitem menos.

Segmento 18 - *Vera*

25 eu não entendo muito bem porque tudo isso acontece não, porque
 26 isso acontece comigo também né↑
 27 se eu vejo celulite e perguntava pro meu ex-marido eu não queria que ele visse não
 28 ((risos)).
 29 bastava eu só verhh.

Sabemos que não será só a teoria lingüística a que oferecerá subsídios teóricos para a compreensão do que está sendo opinado, em discursos com emissão de opinião, por exemplo, Koch (2003: 92) revela que, na interação verbal face a face, o locutor, visando a produção de sentidos de seu texto, deve estar *sempre pronto a facilitar a compreensão dos parceiros, a atender suas solicitações, a (re)negociar com eles o sentido do que está sendo dito, através, em*

grande parte, de estratégias de identificação referencial. Tudo isso exige o domínio não só de habilidades lingüísticas, como também de estratégias de ordem cognitiva, social e cultural.

A seguir, nos relatos de *Samantha* e *Viviane*, percebemos uma leitura parafrástica do quadrinho, o que revela a intenção das entrevistadas em serem claras na emissão de suas opiniões, mostrarem-se de acordo com o que Maitena revela e colocarem-se alinhadas a mim, enquanto entrevistadora, numa tentativa em não revelarem conflitos durante suas leituras.

Segmento 18 – *Samantha*

16 essa tira
17 eh::
18 tem todas--
19 a grande maioria das frases que::
20 nós ficaríamos putas de ouvir da
21 boca de um homem↓
22 mas saídas de nós não tem
23 tanta:
24 importância.

Segmento 19 - *Viviane*

63 existem algumas coisas que nós-- só nós admitimos dizer.
64 se os homens falam a gente
65 acha um absurdo né↓
66 porque
67 eh
68 tão indo contra a gente mesmo.
69 no primeiro quadrinho,
70 né↑
71 o homem nunca pode dizer que você tá gorda. você pode tá uma jamanta mas se ele disser
72 que você tá gorda ele vai ficar () ((risos))
73 né↑
74 depois
75 eh:
76 a mulher
77 ela às vezes pode admitir que tá cansada e não sair de casa. mas se o homem fizer isso,
78 ele é que é um cha:to↓
79 né↑

Todas as entrevistadas, exceto *Samantha* – que apresenta uma leitura parafrástica apenas –, fazem uma leitura interpretativa da tirinha. A partir de sua visão de mundo, estas não apreendem meramente um sentido que está no texto, mas atribuem sentidos a ele, cf. Orlandi (1996).

Em *Gabriele e Bárbara*, encontramos além de uma leitura interpretativa das tirinhas, um depoimento com acréscimos que não constam nestas. Estes aportes, que não são colocados por Maitena – aqui denominamos, novamente, elementos *fantásticos* – são atribuições ao texto que as entrevistadas apresentam. Somente *Bárbara* apresenta uma leitura reflexiva do texto. Atribui à primeira tirinha, por exemplo, uma reflexão sobre o papel das mulheres na atualidade.

Percebe-se, de forma unânime, que as entrevistadas se alinham às denúncias de Maitena, como por exemplo, na primeira cena dessa tira, sobre o modelo estético “padrão” – imposto por nossa sociedade – a que as mulheres tornam-se prisioneiras em adotar. A pressão para ser *linda* é tanta que as mulheres acabam desvalorizando seus autênticos atributos, já que estas se cobram desumanamente ao se compararem com o que vêem nos veículos midiáticos como as revistas, por exemplo, que expõem mulheres com corpos perfeitos como estátuas humanas – padrão estético a ser seguido. Seabra; Muszkat (1985: 56) sinaliza que cada mulher “vê e rejeita na outra aquilo que rejeita em si mesma”.

Ao contrário dos depoimentos masculinos, percebemos que as mulheres percebem de imediato que a crítica *apimentada* de Maitena dirige-se ao mundo feminino e a seus questionamentos. Através de recursos de indiretividade, as entrevistadas se alinham a autora e revelam, em seus discursos, sua concordância e alinhamento ao que Maitena apresenta.

5.2.2.3 Feminilidades construídas pelos homens em suas leituras

Nessa seção, seguiremos com os pressupostos de Schiffrin (1990) e Shi-xu (2000) sobre a emissão de opinião com base nos questionamentos femininos revelados em cenas do cotidiano pelas personagens das tiras de Maitena.

Na segunda parte das gravações, os entrevistados também opinaram a respeito da segunda tirinha selecionada: “*Aquelas coisas que só nós podemos dizer (porque se “Eles” dizem, armamos um escândalo)*”.

Nesta tira a autora retrata através do humor sarcástico – sua principal ferramenta lingüística – os conflitos que estas (nós) mulheres retratadas têm

(temos) a partir das representações idealizadas de mulher que estas possuem (possuímos), por exemplo, às mulheres “ideais” esteticamente e emocionalmente “perfeitas”.

Os homens não percebem que estes conflitos surgem partindo dessas idealizações de mulher “perfeita”, ao contrário, crêem que as mulheres, na verdade, estão inconformadas com o que possuem e preferem “acatar” a idéia apresentada na tirinha do que revelar sua insatisfação para que sua relação não seja comprometida, quer dizer, não entre em conflito com seu parceiro. Isto pode ser verificado, por exemplo, em: *Jorge Renato e João Carlos*:

Segmento 20 – *Jorge Renato*

28 isso na realidade acontece muito. se a mulher tiver gorda e o ho- ela se ver que ta gorda
29 se eu não comentar, ele tem que fingir que ela tá magra porque ela se acha: vai se achar
30 mais horrível ainda e vai ficar culpando ele e se tiver várias coisas o arroz dela tiver ruim
31 você tem que elogiar mesmo que não tiver gostoso você tem que elogiar às vezes você
32 fica quieto e ela te cobra o elogio pergunta “tá gostoso?” então é uma cobrança.
33 e: o homem às vezes eh sofre com isso mas fica calado porque ela:-- a cobrança é muito e
34 ele fica calado. ele às vezes falando ele poderia tá ajudando essa própria mulher.

Segmento 21 – *João Carlos*

16 =39 eu gosto muito de falar. porque na verdade a gente:: é aquela coisa do homem que é o
17 dono é o patriarcal é ele quem comanda a família etc.↑ mas ele às vezes ele não tem
18 muita voz não..hh ele não tem direito de estender opiniões que sejam diretas sobre
19 determinado assunto principalmente quando atinge à mulher. então o primeiro exemplo é
20 ótimo, “estou gorda como uma vaca”. se ele fala isso ele >tá morto<. não é? ele por
21 exemplo ele não pode se queixar de estar cansado pra não sair mas ela pode. o homem
22 por exemplo não pode criticar a família dela mas ela pode. se autocriticar a família dela e
23 a dele. eh ele por exemplo não pode dizer que está cansado “meu bem estou com dor de
24 cabeça, hoje não” mas ela pode. então é

Todos os homens sinalizam em seus discursos que existe uma cobrança – vocábulo freqüentemente utilizado pelos entrevistados quando opinaram sobre essa tira – das mulheres em “mostrar-se”, a todo o momento, “perfeitas”, ou seja, apresentar uma auto-imagem “ideal” sobre si mesmas.

Algumas vezes, alguns sujeitos se colocam como vítimas frente às mulheres inconformadas, como observado em: *Jorge Renato, João Carlos e Fernando*:

Segmento 22 – *Jorge Renato*

28 isso na realidade acontece muito. se a mulher tiver gorda e o ho- ela se ver que ta gorda
 29 se eu não comentar, ele tem que fingir que ela tá magra porque ela se acha: vai se achar
 30 mais horrível ainda e vai ficar culpando ele e se tiver várias coisas o arroz dela tiver ruim
 31 você tem que elogiar mesmo que não tiver gostoso você tem que elogiar às vezes você
 32 fica quieto e ela te cobra o elogio pergunta “tá gostoso?” então é uma cobrança.
 33 e: o homem às vezes eh sofre com isso mas fica calado porque ela:-- a cobrança é muito e
 34 ele fica calado. ele às vezes falando ele poderia tá ajudando essa própria mulher.

Segmento 23 – *João Carlos*

28 relação familiar.hh de homem pra mulher. a mulher pode dizer que ele tá mal arrumado
 29 que ele tá maltrapilho.hh que ele tá ficando go:rdo e etc.. e ela pode dizer isso dela
 30 mesma. <mas ele não pode>. então nós somos na verdade UNS OPRIMIDOS por essas
 31 mulheres que às vezes.hh nos dão carinho mas às vezes nos impõe muita coisa também.

Segmento 24 – *Fernando*

20 pelo que eu vi dessa tirinha aqui ela é muito crítica consigo mesma né↑ mas não admite a
 21 crítica do restante dos homens né↓> quer dizer< quando ela se critica é uma coisa >né<
 22 quando o homem fala mal do--
 23 o mesmo comentário que ela faz a respeito de si mesma.hh no caso ela não aceita. entra
 24 em crise fica paranóica com isso. esse excesso de cobrança que a mulher tem com a com
 25 a própria imagem (hoje em dia).

Outras, observamos que esses homens acreditam que poderiam ajudar essas mulheres a superarem seus “defeitos”, ou seja, crêem que as mulheres necessitam apoio para serem “consertadas”, como pode ser verificado em: *Jorge Renato e Márcio*:

Segmento 25 – *Jorge Renato*

34 e: o homem às vezes eh sofre com isso mas fica calado porque ela:-- a cobrança é muito e
 35 ele fica calado. ele às vezes falando ele poderia tá ajudando essa própria mulher.

Segmento 26 - *Márcio*

76 então a a ambos ou um ou outro acabam: viran:do acabam:.
 77 fazendo com que esse- essa convivência seja: uma convivência: eh cansativa.
 78 então aí que vem os defeitos a mulher se acha muito gorda aonde não tem o estímulo do
 79 marido pra que isso conserte eh:
 80 às vezes a comida: está ruim porque não existe também o estímulo do mari:do ou vice
 81 versa né↓

Aqui observamos que *Jorge Renato* e *Márcio* não percebem que as mulheres estão representando de acordo com uma crença que estas têm em relação à idealização de mulher que possuem. Estes se colocam como vítimas dessas mulheres e não percebem que os conflitos são delas com suas crenças, ao

contrário, vêem que qualquer palavra não cuidadosamente “escolhida” por eles pode gerar um conflito numa dada interação.

O jogo de vozes e o índice de indeterminação do sujeito também é um recurso muito usado nesta segunda parte dos depoimentos masculinos. Alguns dos entrevistados generalizam a denúncia apresentada nas cenas como sendo pertinentes a eles, ou seja, como se os conflitos retratados por Maitena fossem vivenciados por eles, numa tentativa de *atitude cooperativa* com essas mulheres, cf. Schiffrin (1987), o que pode ser verificado em: *André, Edmar e Marcio*:

Segmento 27 - *André*

32 e como a a questão da auto-estima no mundo contemporâneo também ela é ela é delicada.
33 porque como se as pessoas já soubessem que aquilo tivesse uma uma crítica a ser feita
34 mas só a própria pessoa pudesse fazer >né< porque se o outro fizer.hh vai causar algum
35 tipo de: mal-estar né↑

Segmento 28 - *Edmar*

26 aqui trata-se de:
27 problemas entre casais né↑
28 observações do cotidiano que, se realmente ah:
29 os casais tanto o homem quanto a mulher falarem o pensa gera-- o que eles pensam,
30 melhor dizendo-- gera conflitos né↑
31 então às vezes se engole sapos
32 pra que não se:
33 pra que se não aconteça: problemas maiores.

Segmento 29 - *Marcio*

65 entã:o eu acho que quando você ca:sa quando você: escolhe a pessoa dos seus sonhos ou
66 supostamente você acha que que já encontrou↑.hh você forma uma família.
67 formando essa família↑.hh é claro que ambos trabalham batalham enfim têm um filho.
68 quando esse filho chehnga,
69 aí vem as complicaçõ:es vem a:s dificulda:des aí vem a parte de dinheiro.hh enfim mas
70 por mais↑ que o casal seja...

Os oitos entrevistados apresentam algumas diferenças quanto a leitura das tirinhas. Alguns, como, por exemplo, *Jorge Renato e João Carlos* ratificam o que é apresentado nas cenas e assumem uma *atitude cooperativa* com as mulheres, cf. Schiffrin (1987: 255), com o objetivo de minimizarem os conflitos:

“... formas cotidianas de discurso são guiadas por normas de cooperação e competição. Opiniões e estórias adequam o tipo de participação do interactante e tais ajustes permitem que os indivíduos negociem padrões de verdade e sinceridade na argumentação”.

Outros se valem das *normas de competição* para demonstrar seu papel nas relações com mulheres, isto é, apresentam-se como prejudicados ao terem que assumir uma postura que não gostariam para que conflitos não surgissem numa dada interação entre os diferentes sexos.

Coulthard (1991: 53) esclarece que *homens e mulheres não só têm estilos interativos diferentes, mas também possuem tópicos (assuntos) preferidos e maneira diferente de usá-los*, os dois sexos apresentam problemas em relação às expectativas diferentes quando se encontram em situações interativas.

Foi observado, nesses depoimentos, que alguns tópicos foram freqüentemente abordados na leitura dos entrevistados. Entre eles, podemos destacar, os índices de indeterminação do sujeito, o jogo de vozes – exceto em *Luiz Carlos e Fernando* – a crítica que afeta as relações entre os sexos, os erros/defeitos que “as mulheres” possuem e devam ser “apoiadas/consertadas” por seus companheiros, e a cobrança excessiva das mulheres em exigir de seus parceiros a concordância com suas posturas para que conflitos não aconteçam.

Todos os tópicos apresentados estão explícitos nas leituras desses homens. Estes utilizam-se do recurso da indiretividade para revelar as feminilidades construídas no processo da leitura das tiras a fim de não entrarem em conflitos primeiro comigo, mulher, (entrevistadora), segundo em não deixar transparecer suas reais convicções ao abordar os papéis exaltando diferenças entre os sexos por Maitena.

Em relação a essa evitação de conflitos com os interlocutores, Labov (1970)³ *apud* Coulthard (1991: 11) explica que existem dois problemas quando há *coleta de dados em relação às diferenças sexuais no uso da língua*, primeiro, *o fato de que, ao observar qualquer interação, o/a analista altera crucialmente o que observa simplesmente por ser mais um participante (ou só mesmo um/a observador/a) desta interação*. Segundo, *o analista pode, ainda que sem querer, influenciar os dados por ele/a mesmo/a coletados*.

Os homens fazem uma leitura interpretativa e reflexiva dessa tira. A partir do objeto lido, estes revelam sua visão de mundo e avaliam as condutas dos sexos.

³ LABOV, W. “The study of language in its social context”. *Stadium generale*, 23, 1970: 66-84. Republicado em PRIDE, J.; HOLMES, J., (orgs.) *Sociolinguistics*. Penguin, 1972: 180-202; e GIGLIOLI, P., (org.) *Language and social context*. Penguin, 1972: 283-308.

Deve-se ressaltar que *João Carlos* e *Luiz Carlos* fazem também uma leitura, a princípio, literal da tirinha, ou seja, descrevem as cenas tais como são apresentadas pela cartunista. Já *Jorge Renato* e *André* revelam elementos que não são retratados nas cenas. Isto nos leva a crer que se trata de uma leitura de caráter fantástico, pois acrescentam elementos, dados, informações que não são abordados – nem verbalmente nem visualmente – por Maitena, mas se concretizam em suas falas ao entrarem em contato com os conflitos vivenciados por “mulheres”, leitoras, por exemplo, da Literatura Mulherzinha. A partir destes, os entrevistados revelam, em seus discursos, crenças através de vocábulos e situações “encaixadas” na emissão de suas opiniões.